BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA

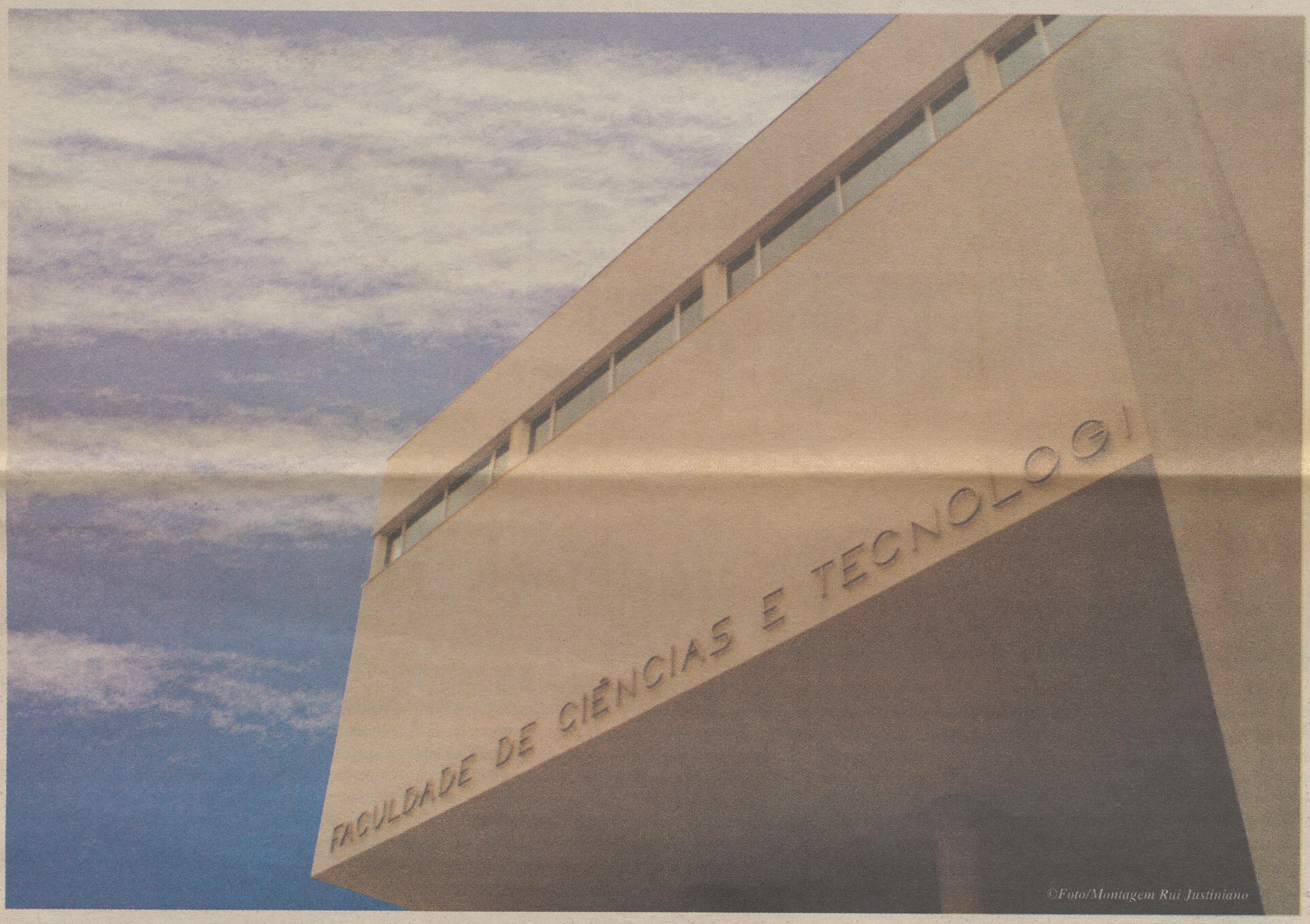
Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM Dinis

Nº51 19 de Outubro de 1999 **Quinzenal** **Director:**Bruno Ferreira **Directores Adjuntos:** Adeodato V. Pinto e Fernando Nunes
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

Universidade 2000



©Foto/Montagem Rui Justiniano

A Universidade de Coimbra enfrenta novas exigências que irão testar a sua capacidade de adaptação aos novos tempos. A resposta surge através de um ambicioso projecto que promete revolucionar a mais antiga universidade ibérica.

Financiamento

Empréstimos Bonificados

O Conselho de Minstros regulamentou a concessão de empréstimos bonificados aos estudantes do Ensino Superior. Uma medida que gera algumas controvérsias e se revela ainda experimental.

Página 6

Coimbra

Crónica da Noite

A vivência nocturna analisada a fundo numa semana na qual houve de tudo menos descanço. Um itinerário cheio de peripécias de elevado grau alcoólico, o suficiente para mudar uma "normal semana de estudo".

Páginas centrais

Fotografia

Repúblicas de Coimbra

Paulo Abrantes fotografou a grande maioria das "Repúblicas" de Coimbra.

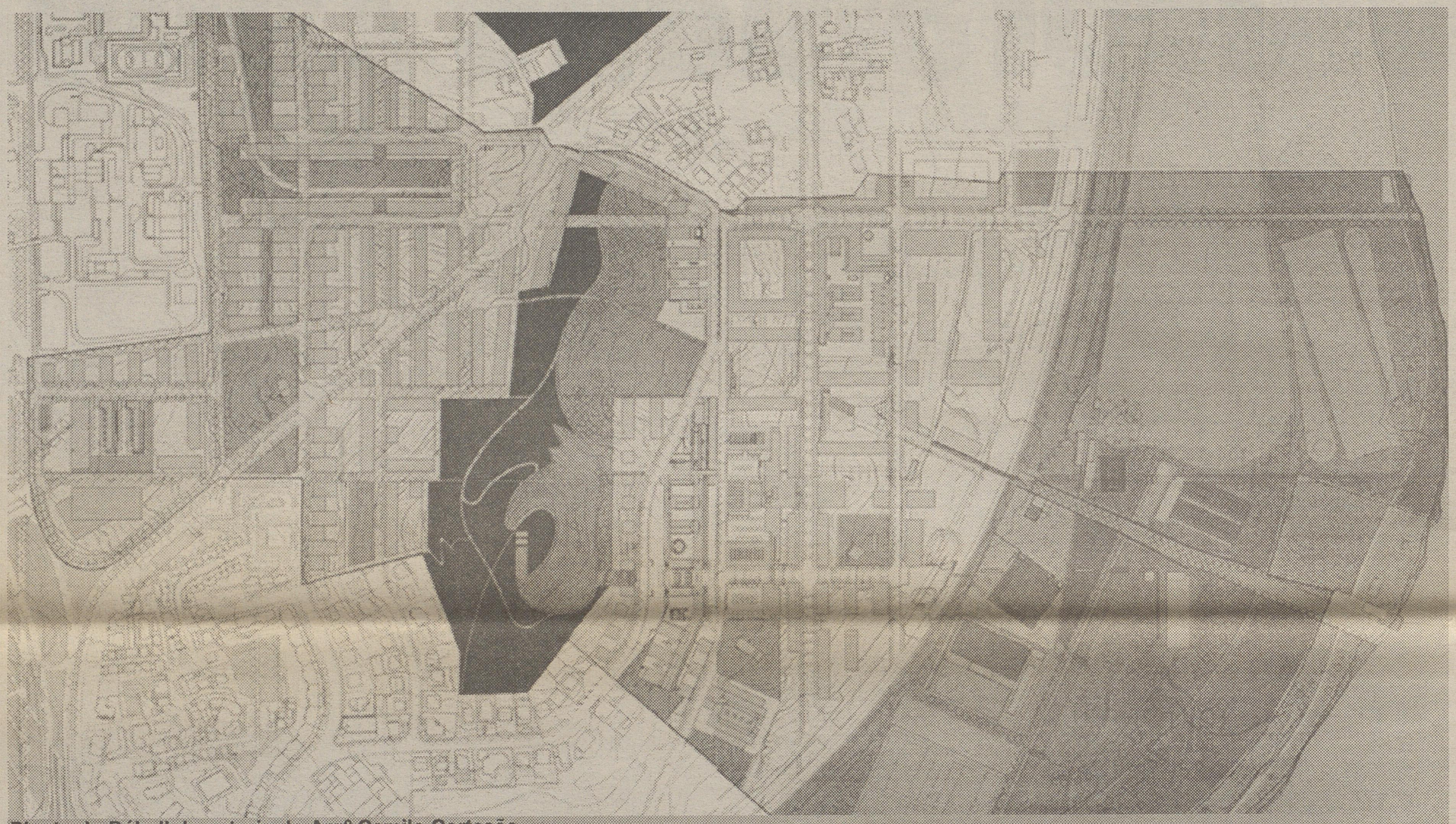
São imagens do interior de casas que não existem em mais nenhum outro lugar de Portugal.

Páginas 14 e 15



O futuro chega

Com o aproximar do novo milénio e com o aparecimento de novas exigências, a que a chegada das universidades privadas a Coimbra não é alheia, a Universidade de Coimbra procura investir na melhoria das suas infraestruturas, algo que passará pela modificação radical do espaço que agora compreende a universidade. A total remodelação do Pólo I e a consequente expansão e acabamentos nos já edificados pólos II e III bem como a transferência de algumas faculdades e departamentos, constituem aspectos de um importante projecto que promete uma universidade diferente nos primeiros anos do século XXI.



Planta do Pólo II da autoria do Arqº Camilo Cortesão

Possivelmente poucos de nós irão ainda desfrutar da restruturação que agora começa a ser operada no espaço da Universidade de Coimbra, não podendo isso significar, no entanto, que deixemos de olhar atentamente para este ambicioso projecto que promete mudar radicalmente o espaço universitário.

Contemplando várias fases nas quais serão cumpridas gradualmente vários aspectos da obra, o projecto, apresentado ao Ministério da Educação em Abril deste ano, consiste, numa forma geral, no culminar do já iniciado plano de expansão da Universidade através da criação dos pólos II e III e da remodelaçao estrutural e espacial do Pólo I.

Uma nova Universidade

Integrado no terceiro Quadro Comunitário de Apoio, este projecto irá consistir na construção de edifícios e numa gama de infraestruturas que permitirá à Universidade de Coimbra completar o quadro de desenvolvimento actual. Como objectivo claro a alcançar com o virar do milénio, está a necessidade de compatibilizar o número (crescente) de estudantes da Universidade de Coimbra e o número de infraestruturas à sua disposição, o que hoje em dia não acontece. É a própria reitoria da U.C. que admite este desfasamento. Nas palavras do vice–reitor, o Dr. Seabra Santos, responsável por este projecto de expansão e remodelação da U.C., "existem nos dias de hoje várias faculdades afogadas no que diz respeito ao espaço disponível, caso de Direito e Letras". Refere ainda que "com a construção do Pólo II foram dados determinados tipos de condições aos vários departamentos (de engenharia nomeadamente) aí situados que colocam estes em situação razoável face aos seus congéneres nacionais e europeus, sendo agora intensão da Reitoria colocar as restantes faculdades e departamentos da U.C. em plano de igualdade".

Optimizar o Pólo II

Dado que a construção do Pólo II poderá ser considerada como a primeira fase das várias que constituem o projecto de expansão da U.C., importa desde já referir que esta ainda não se encontra totalmente concluída. De facto, esta fase de construção de novos edifícios, iniciada em 1992 e que incidiu sobre os departamentos de tecnologia, nomeadamente os de engenharia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, será completada, segundo o projecto da Reitoria, pela construção da Unidade Pedagógica Central no início do próximo ano. Numa fase mais avançada, o Pólo II será ainda a "casa" da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, para além de ser ainda previsível a construção do Departamento de Ciências da Terra. Numa última fase, este pólo completar–se-á com outro conjunto de instalações, nomeadamente instalações desportivas que darão apoio à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física e que se irão estender por toda a margem do Mondego na zona do pólo numa extensão de cerca de 30 hectares. Refira–se que esta zona de lazer está incluida numa proposta autónoma que está a ser negociada directamente com a Associação Académica de Coimbra. À parte destas construções, o Pólo II será ainda optimizado com a construção de mais um restaurante universitário e mais cinco residências para além de construções de índole tecnológico de ligação ao exterior, casos do Instituto Pedro Nunes e do Tecnopólo.

Pólo das Ciências da Saúde

No que respeita ao Pólo III, o chamado Pólo das Ciências da Saúde, que albergará as faculdades de Farmácia e Medicina para além de outros departamentos, o projecto encontra–se ainda na sua fase inicial. O principal motivo de atraso prende–se, segundo o Dr. Seabra Santos, com o facto de "alguns terrenos ainda não pertencerem à Universidade, estando a ser negociados e os respectivos residentes a ser realojados". Apesar disso, está previsto ainda para este ano a primeira empreitada do Pólo III, um arruamento de acesso a uma das zonas do pólo que faz ligação entre o hospital e o Pólo das Ciências da Saúde, o chamado arruamento nascente. Na sequência desta obra serão lançadas as empreitadas respeitantes às infraestruturas gerais do pólo bem como da construção dos primeiros edifícios." Os primeiros edifícios a contruir serão o edifício do Centro de Tecnologias Nucleares Aplicadas à Saúde (CTNAS), financiado na totalidade pelo Ministério de Ciência e Tecnologia e os edifícios escolares, a começar pelo edifício um que já se encontra projectado e que irá complementar o IBILI (Instituto Biomédico Investigação de Luz e Imagem), assim como, posteriormente, os edifícios das unidades dois, três e quatro numa ordem ainda a definir". Para além destas edificações, e à semelhança do que acontece com o Pólo II, serão ainda construídos outros equipamentos de ligação à comunidade, como o Instituto de Medicina Legal cujo financiamento está já assegurado pelo Ministério

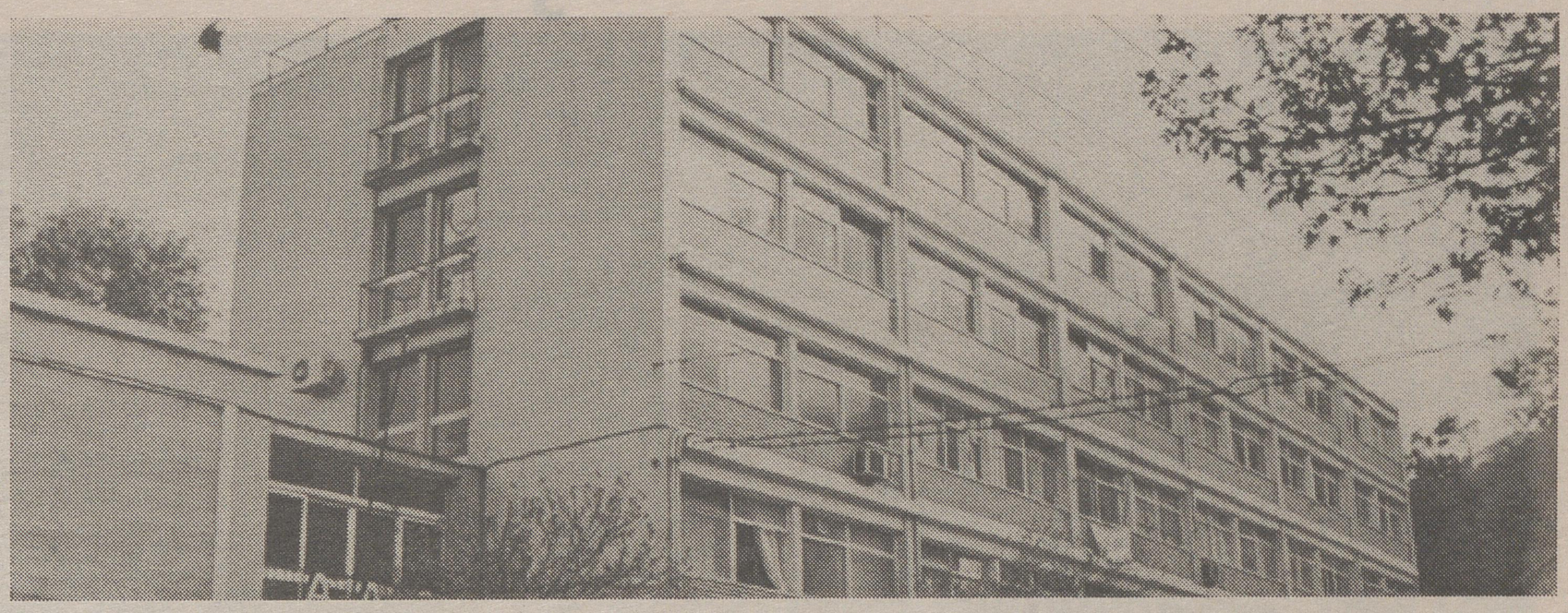
à Universidade

da Justiça e outras estruturas cuja negociação se encontra em bom ritmo, bem como restaurantes e residências universitárias que se prevê que venham a envolver a Capela de Santa Comba destinada também a sofrer uma restauração.

A nova velha Alta

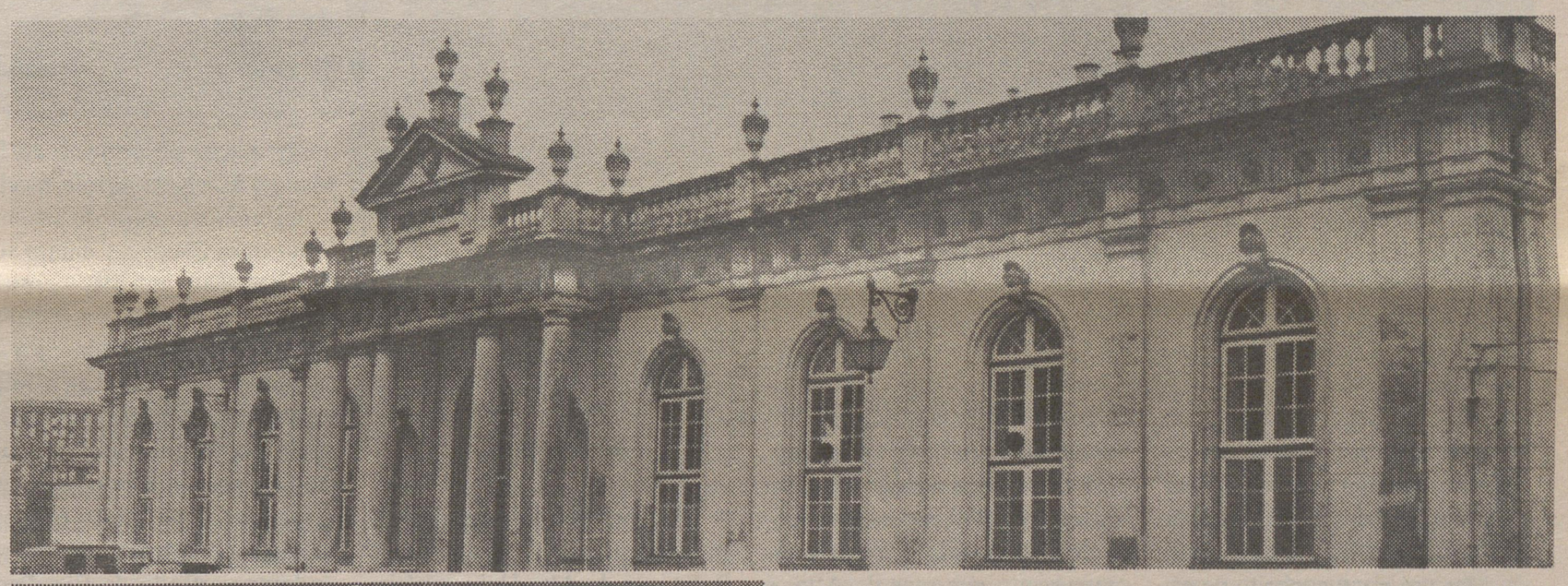
No entanto, e como já foi referido, o projecto em causa não sustenta somente a expansão da U.C. com a construção de estruturas fora do perímetro do Pólo I. Será neste espaço que, eventualmente, se irão registar algumas das alterações mais radicais. Efectivamente, depois de se proceder ao "desanuviar" da situação actual com a referida transição dos vários departamentos e faculdades para os Pólos II e III, estar–se-à em condições de proceder à total reorganização daquela que é a parte mais antiga da Universidade de Coimbra. Esta reorganização passará desde logo pelo alargamento das Faculdades de Direito e Letras bem como de alguns departamentos da FCTUC que se consideram verdadeiramente instalados neste espaço, caso dos departamentos de Matemática e Física ou outros, caso dos departamentos de Arquitectura e Zoologia que, neste espaço, sofrerão uma reinstalação. A Faculdade de Letras virá a ocupar o Colégio das Artes, actualmente ocupado por departamentos da FCTUC. No que concretamente diz respeito à Faculdade de Direito, o projecto de reorganização compreendendo a expansão da faculdade para o edifício do Palácio dos Melos, onde actualmente se encontra a Faculdade de Farmácia, e para o edifício do Palácio dos Grilos onde está actualmente a Administração, só poderá ser concluído quando estas estruturas vierem a ocupar as suas instalações definitivas, nomeadamente quando Farmácia passar para o Pólo III e a Administração para o edifício que actualmente alberga a Faculdade de Medicina. Este edifício sofrerá, por demais, uma outra série de remodelações aquando da saída de Medicina rumo ao Pólo das Ciências da Saúde. Este edifício passará a albergar, para além da referida Administração da Universidade de Coimbra, dois departamentos da FCTUC (Zoologia e Bioquímica), uma residência universitária no último piso bem como uma área comercial. Prentende–se, assim, que este edifício ocupe (e até pela sua localização geográfica) uma espécie de núcleo central da Alta Universitária.

Sérgio Alves



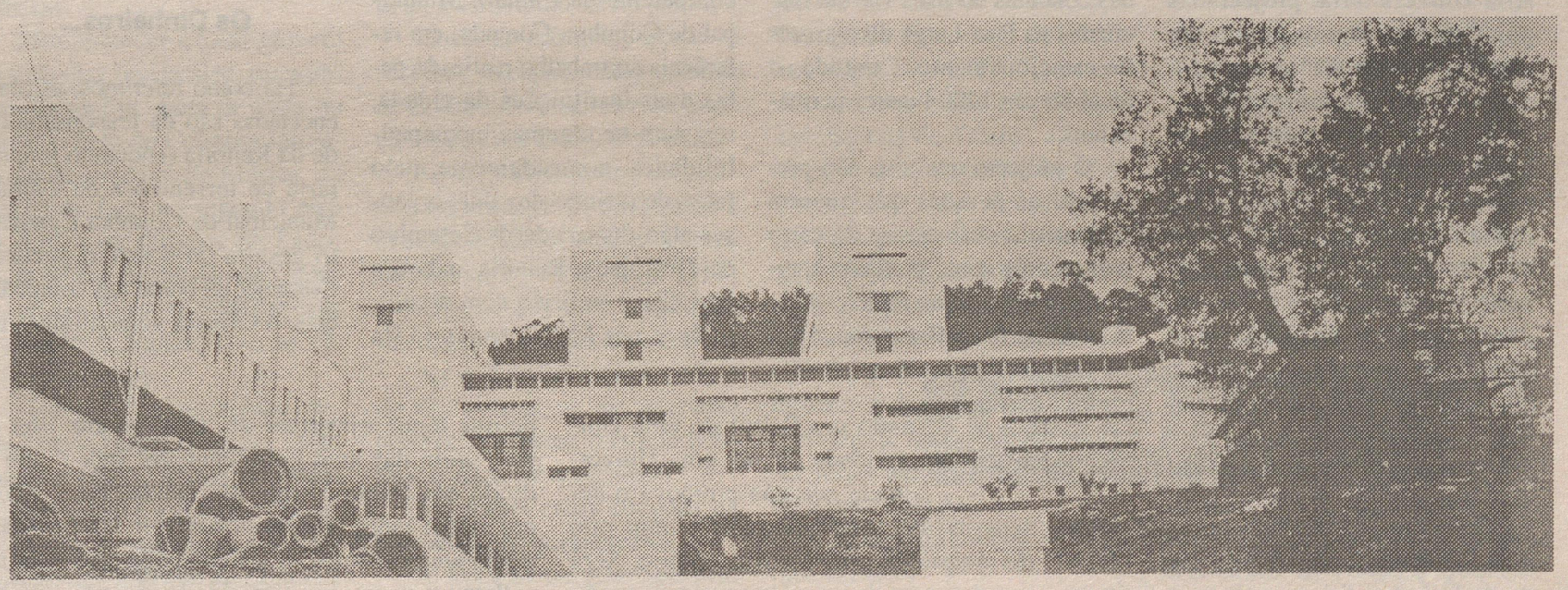
Os números do projecto

O projecto apresentado pela reitoria prevê um orçamento que irá rondar os 30 milhões de contos. Espera–se que cerca de 24 milhões de contos sejam cedidos pelo Ministério da Educação ao abrigo do terceiro Quadro Comunitário de Apoio, dinheiro este respeitante à construção de edifícios de índole escolar, sendo que os restantes gastos na edificação de estruturas várias (caso, por exemplo, do Intituto de Medicina Legal) poderão ser cobertos pelos vários Ministérios e Secretarias de Estado directamente envolvidos por protocolos a realizar. Refira–se ainda que está a ser negociado um protocolo a ser assinado com a Associação Académica de Coimbra e com o Ministério da Cultura para a remodelação do edifício da AAC.



Pólo museológico

Ainda inserido neste projecto, está a perspectiva de transformar o edifício do Colégio de Jesus e o edifício do Laboratório Chímico, instalações presentemente ocupadas pelos departamentos de Ciências da Terra e Zoologia(no caso do primeiro) e pelo de Bioquímica (no caso do segundo) em verdadeiros museus das ciências. Entrará, inclusivé, em funções no próximo mês de Novembro uma equipa liderada por um professor contratado especificamente para este efeito. Trata–se do professor Michel Vanpret, actual responsável pela dinamização do Museu de História Natural de Paris, que dirigirá esta equipa e se empenhará em empreender um projecto que se crê possa vir a constituir–se como um pólo museólogico de nível europeu.



Até 2007

Este é, e como já foi referido, "um projecto que será realizado de uma forma faseada, prevendo–se que a parte terminal do projecto esteja em conclusão em meados de 2007, sendo que neste tipo de projectos nunca se pode indicar uma data cem por cento exata", afirma o vice–reitor. O Dr. Seabra Santos adianta ainda que "em princípio o orçamento não será alterado, podendo haver, naturalmente, alterações circunstanciais nas diversas propostas, por força de algum tipo de problemas suscitado pelas entidades investidoras, senão seria a primeira vez que a Reitoria poderia dispôr do dinheiro que queria".

A terminar, o responsável pelo projecto não deixa de apelar à "colaboração da comunidade estundantil tanto na adaptação a novas e diferentes circunstâncias bem como à morosidade de que certas situações possam, eventualmente, padecer".

O caos não está só no trânsito

Alta remodelação

"Em termos de espaços públicos, a Alta é a zona mais congestionada, não só em termos de trânsito como de pessoas, da cidade de Coimbra. Aqui se acumulou uma série de hábitos e maneiras de viver que atingiram um ponto crítico que é necessário inverter." As palavras de Seabra Santos traduzem os motivos e os fins pelos quais se resolveu iniciar a intervenção na Alta Universitária.



Vista sobre a Rua Larga remodelada

Para quem veio de férias para começar os exames de Setembro, o espaço envolvente da Alta Universitária apresentou algumas alterações, nomeadamente na estrutura viária. O arruamento pedonal da Rua Larga (desde a Praça D. Dinis até à Porta Férrea) e um novo esquema de circulação em que algumas ruas viram os seus sentidos quer alterados quer fechados, são desde logo as alterações mais visíveis a quem passa. Mas um novo conceito de estacionamento, mais organizado, foi também introduzido, através da criação de parques fechados para os fins pretendidos.

Assim começam a nascer e a ser perceptíveis as inovações pretendidas, há já largos anos, na Alta Universitária, projectadas por Gonçalo Byrne, tendo em vista a "arrumação" dessa consuetudinária desorganização.

O plano apresentado, uma outra face dos projectos de ampliação da Universidade de Coimbra, afasta de início as projecções futuristas de Gonçalo Byrne, que indicou os locais mais favoráveis para a construção de parques subterrâneos. A Reitoria considera que as alterações pretendidas para além de terem libertado o trânsito de uma evidente situação caótica (existem estudos que demonstram a passagem de 700 veículos por hora no ex–cruzamento da Rua Larga com a Rua de S. João e de S. Pedro, sendo considerado um fluxo adequado), possibilitaram a criação de 1000 lugares na Alta Universitária (para além da possibilidade de estacionamento nas ruas da Alta, é possível utilizar os parques da Faculdade de Matemática, do Hospital Velho, do Colégio das Artes e das traseiras dos Gerais), pelo que não é necessária uma intervenção tão profunda. Para os condutores mais desrespeitadores das condutas normais vão ser instaladas na Rua Larga dissuasores de estacionamento. Contudo, o ideal seriam 1200 lugares permanentes...

O projecto que visa não prejudicar as pessoas que querem continuar a deslocar–se de carro para aquela zona, pretende apresentar alternativas àquele meio de transporte. Estão, então, a ser encetados esforços para a celebração de protocolos com a rede de transportes urbanos de Coimbra, no sentido de disponibilizar um fluxo maior de autocarros para a Alta e ainda a sensibilização do corpo docente para que utilize a EcoVia.

A questão...

As obras realizadas encontram–se previstas no Plano de Pormenor da Alta Universitária, projecto totalmente concebido pela Reitoria da Universidade de Coimbra, tendo como base de trabalho toda a àrea da Alta de Coimbra. Logo, serão espaços pertencentes à Reitoria e espaços de domínio público sob alçada competente da Câmara Municipal de Coimbra. Contudo, em referência ao trabalho realizado pelas duas instituições da cidade, registam–se algumas incompatibilidades, nomeadamente, pelo facto de o ritmo dos dois orgãos ser algo díspar: desde Setembro de 1998 que a Reitoria andava a negociar o projecto com a edilidade e em Maio, aquando da apresentação do projecto ao Dr. Manuel Machado aquele revelou o desconhecimento do mesmo. Para além disso a Câmara tem demonstrado um papel muito passivo em relação aos trabalhos a empreender limitando–se a autorizar ou desautorizar a intervenção no domínio público. A autarquia "esquece–se" das suas competências e adia os trabalhos a realizar (há muito que está prevista a construção de três elevadores partindo da Rua Padre António Vieira, Rua da Alegria e Jardim Botânico, que pretendem facilitar o acesso ao Pólo I da Universidade de Coimbra). Ao contário, as obras ao abrigo da Reitoria cumpriram todos os prazos.

Os Dinheiros...

Tal como referimos, as obras encetadas são da responsabilidade da Reitoria (enquanto proprietária de terrenos) e da Câmara Municipal de Coimbra (enquanto gestora do domínio público). Contudo, tal como nas competências, a Câmara volta a falhar nas questões monetárias. A Reitoria, desde 1992 já gastou cerca de 6 milhões de contos na qualificação do espaço Universitário, quer seja privado ou público. Dinheiro da casa e algum do Ministério da Educação. A Câmara não comparticipa e também não se disponobiliza. Aprova... ou desaprova.

As disponibilidades...

As informações fornecidas foram disponibilizadas pelo Dr. Seabra Santos, Vice–Reitor da Universidade deCoimbra, que abertamente nos explicou o ponto da situação. Por outro lado tentámos contactar a Câmara Municipal de Coimbra que questionada acerca das obras da Alta Universitária em geral e, mais especificamente, sobre as alterações que seriam da sua competência, acabou por nos oferecer uma viagem telefónica entre diversos departamentos e repartições internas. A resposta foi sempre a mesma: alheamento da situação e "porque é que não perguntam à Reitoria?"...

Bruno Vale

Comentário

Bruno Vale

Permitam–nos uma breve consideração. Em diversas situações a Universidade de Coimbra foi acusada de ter virado as costas à cidade que a viu nascer e de se recusar a descer a Couraça de Lisboa. Assim o desenvolvimento estagnou e Coimbra apresenta sinais visíveis de uma qualidade de vida deteriorada, tendo–se deixado ultrapassar por cidades historicamente bem mais recentes. Citando um Reitor de uma Universidade alemã, uma Universidade que não promova o desenvolvimento em seu redor, num raio de cinquenta quilómetros, fechou. Será que é o caso de uma Universidade como a que se instalou há sete séculos em Coimbra? Terão que recair as responsabilidades sobre uma Escola que sofre (e sofrerá, sempre) as pressões de actualização, modernização, concorrência e, até, centralização? Será que devemos inculcar todas as culpas a uma Universidade que tenta reinventar–se, trabalhando para além das suas competências, incidindo em questões que não devia, ou, por outro lado, poderemos exigir uma purga num executivo que nem exige nem reclama o papel que esta cidade já deteve e que confortavelmente se instalou na poltrona da elite e governa de olhos descansados?

Tenhamos esperança. Afinal ganhámos o Euro 2004. Quem sabe se não ganharemos uma "UniverCidade" para o século XXI. Só que é pena... É penoso ter que chegar à triste conclusão de que em Coimbra quem se senta na poltrona não manda. Não governa. Não dirige. Não se impõe. De vez em quando (muito de vez em quando...) lança pózinhos que nem sequer se podem apelidar de mágicos, só para ver se alguém engole a manobra de diversão. Se der para enganar, continue–se o laxismo. E quando as pessoas se fartarem e se aperceberem que o executivo de Coimbra já não resulta? Realmente a institucionalização é um mal que se quer longe. Muito longe...

Secções culturais da AAC abrem ano lectivo à caça de novos elementos

AACultura



Os corredores da Associação Académica longe da azáfama normal a partir desta altura

Todos os anos, por esta altura, a cidade de Coimbra enche–se de pessoas novas, ansiosas por descobrir o Mundo Universitário.

Os caloiros chegam, os doutores vestem os trajes, compram–se cadernos novos. Porém nem só de Universidade–Escola se deve pensar nesta altura.

Para além de se fazerem novos amigos, tomar uns copos e ser praxado há muitas outras coisas que se podem fazer.

Assim, muitas secções da Associação Académica de Coimbra abrem as portas aos novos inquilinos da cidade. Novos e anteriores projectos aparecem a dar vida à cultura e desporto. São tantas as actividades à disposição que se pode tornar difícil a escolha.

Pensando nisso "A Cabra" decidiu visitar as várias secções e fazer um roteiro para facilitar a vida.

Então é assim: existem basicamente duas grandes áreas que se ramificam em muitas outras. Para enriquecer a mente é só escolher a cultura, se é adepto do lema "mente sã em corpo são", opte pelo desporto. Ou então embarque nas duas.

Começando pela cultura... Esta abrange os apaixonados das serenatas, os amantes dos pézinhos de dança e da informática, os pró–natureza, pró–lua e afins, os que andam à procura dos selos dos outros, os que gostam de comer bem, os escritores e faladores, os aspirantes a actores, entre outros.

Fados e danças

Para cantar, tocar e dançar existe muito por onde escolher. A Secção de Fado oferece–lhe um leque variadíssimo de grupos que se encontram sempre na sala de ensaios debaixo da Sala de Estudo da AAC.

A Estudantina Universitária de Coimbra, exclusivamente composta por elementos do sexo masculino, tem um papel importantíssimo de divulgação do património musical de Coimbra. Organiza o Festuna (Festival Internacional de Tunas de Coimbra) e já tem três obras discográficas editadas. Para dar uma contribuição no sentido de preservar a tradição musical coimbrã, viajar e ouvir a sua voz num CD, força, apareça às segundas e quartas às 21.30h.

Se for daqueles que sabem que a brincar a brincar se dizem coisas sérias opte definitivamente pela Orxestra Pitagórica. É ver para crer às terças e quintas das 22 às 24 horas.

Os meninos e meninas mais bailarinos têm também a sua oportunidade. Para isso existe a Orquestra Típica e Rancho, que, tal como o nome indica, tem como objectivo ensinar a cantar, tocar e dançar o folclore de Coimbra e arredores. Actualmente organiza o ENEF (Encontro Nacional de Etnografia e Folclore) e o Festival Académico de Folclore "Mondego". Os ensaios são às segundas e quartas às 18horas.

Para aprender a tocar guitarra de Coimbra ou clássica, cavaquinho, bandolim, gaita de foles ou cantar o fado de Coimbra inscreva–se nas Escolas de Música, da secção de fado no segundo piso da AAC. Os Grupos de Fado: Alma Mater, Saudades de Coimbra e Coimbra de Sempre tem uma estreita ligação com as escolas da secção.

Explorar a singularidade tímbrica da voz masculina em canto coral é o objectivo do Coro Masculino Schola Cantorum . Os ensaios são às segundas, terças e quintas, das 20h30m às 22 horas. Existe também o Grupo de Cordas que divulga a música tradicional portuguesa e estrangeira.

Comunicação e meditação na lua

O Centro de Estudos Cinematográficos tal como o nome indica trabalha com tudo o que esteja ligado à sétima arte. O CEC situa–se no 1º piso da AAC.

O Centro de Informática lecciona cursos de informática e facilita a aquisição de equipamento entre outras coisas.

Se tem paixão por selos e carimbos comemorativos a Secção Filatélica é o espaço indicado para si, encontrando–se no piso 1.

Gosta de cozinhar, trocar e recolher receitas, então apareça na Secção de Gastronomia junto da cantina nova Grill D. Dinis.

Se no meio do stress urbanístico necessita de ter uma pausa a Secção de Yoga realiza cursos de meditação. Vá até ao 5º andar e conhecerá um novo mundo paralelo à confusão do dia a dia.

Ser ecologista está na ordem do dia. Assim, se lhe interessa proteger o Planeta, o Grupo Ecológico situa–se no 2º piso

Em todas estas secções as inscrições são permanentes.

A Secção de Astronomia, Ástrofísica e Astronáutica está a organizar um curso de iniciação para aqueles que querem saber mais sobre quem somos nós? - as inscrições terminam hoje.

A RUC - Rádio Universidade de Coimbra (107.9FM) para além de emitir 24 horas por dia, mantendo em dia as novidades musicais e da academia, assume–se como uma autêntica escola de rádio que presta formação a cerca de 50 estudantes por ano nas àreas da realização/programação, informação e técnica. No edifício da AAC, suba até ao 2º piso e peça informações ou deixe o seu contacto.

Sentir o teatro como quotidiano e vivê–lo no palco é o objectivo do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra. Para já o CITAC promove um concurso intitulado "Pequenas Estórias de Teatro". O regulamento está disponível no 4º piso da AAC, mas despacha–te porque o prazo de entrega termina já no dia 22 deste mês.

O GEFAC- Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra tem como finalidade recuperar a dignidade da cultura portuguesa. As inscrições podem ser feitas até o final deste mês, no 2º piso da AAC.

Como organismos autónomos existem:

A Tuna Académica de Coimbra composta por: dois Grupos de Fado, um de Música Popular, um Grupo de Ragtime e uma Orquestra. Tem ainda uma Escola de Música onde se pode aprender a tocar vários instrumentos.O grupo TUNA situa–se no 4º andar e está aberto todos os dias úteis a partir das 15h ou então se prefere optar por ter um contacto mais directo com a realidade dos ensaios, estes são às segundas e quintas feiras às 21h30m, na sala de ensaios no piso 2.

O Coro Misto da Universidade de Coimbra é o mais antigo da Academia. Embora constituído por cerca de oitenta coralistas está aberto a novas adesões. Se tem uma boa voz ou alguém já lhe disse que sabe cantar, dirija–se ao 4º andar da AAC, todos os dias a partir das 16 horas.

Outros grupos académicos que funcionam a todo o vapor e que já têm inscrições abertas são:

As Fans, compostas exclusivamente pelo sexo feminino, ensaiam às Segundas e Quartas–Feiras às 21.30 horas. A sua sede situa–se na Rua Alexandre Herculano, nº 37, 2º andar;

Quem também tem sede nesta rua, mas no nº 35 é a Fan–farra Académica de Coimbra, formada apenas por vozes masculinas ensaia às Terças e Quintas–Feiras à mesma hora.

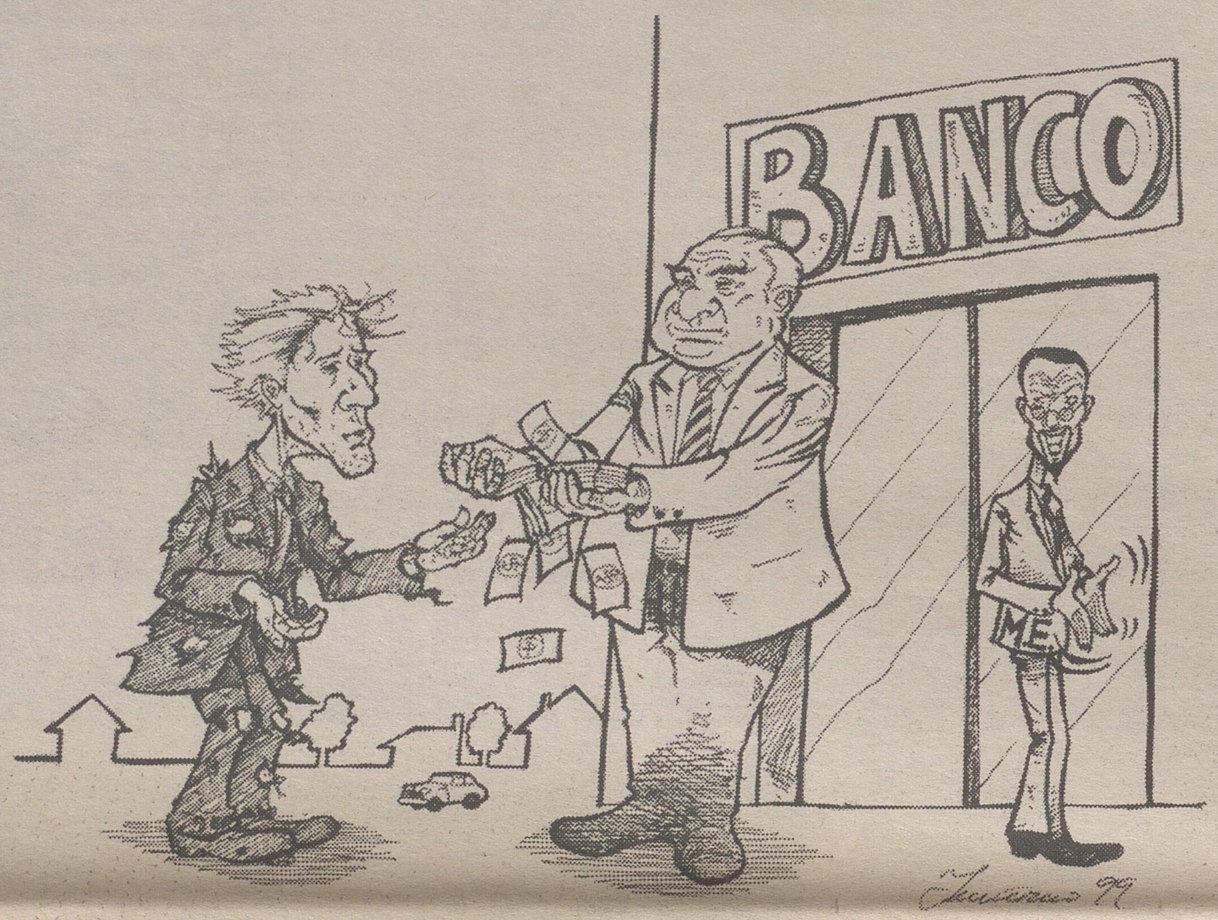
Também a Secção de Jornalismo abre inscrições a novos membros, podendo os interessados entrar no mundo jornalístico a qualquer momento. Há sempre alguém na Secção...

Ana Laura

Empréstimos bonificados chegam à Educação - 1500 contos é o valor máximo

Ministro mãos–largas

Dois anos e meio após a aprovação da lei que os contempla, os empréstimos bonificados a estudantes do Ensino Superior foram, finalmente, regulamentados no penúltimo Conselho de Ministros do governo PS. A medida, controversa , foi provavelmente a última de Marçal Grilo direccionada às Universidades, mas é ainda destinada a um pequeno núcleo de estudantes.



Sessenta e um mil escudos por mês, durante o último ano se se for aluno de curso bacharel, ou nos dois anos anteriores ao término da licenciatura, é a verba que os estudantes do Ensino Superior podem vir a ter como tranche mensal de um empréstimo bonificado para se graduarem numa Universidade.

Previstos na Lei Quadro do Financiamento do Ensino Superior desde 1997, os empréstimos bonificados em 50% pelo estado passam a ser a sua terceira concretização após a instituição do pagamento das propinas e o estatuto do estudante–elegível. Ainda que pensada há muito tempo a medida só agora conseguiu regulamentação efectiva já que as elevadas taxas de juros pretendidas pelos bancos para um tal tipo de empréstimo inviabilizaram sempre qualquer tentativa de aplicação do sistema.

O regulamento aprovado há três semanas em S.Bento restringe, no entanto, os estudantes benefecíarios da bonificação aos alunos cujo rendimento máximo mensal da família seja inferior a 123 000 escudos e condiciona igualmente a continuação do empréstimo na vertente bi–anual ao sucesso escolar do aluno. Entendido pelo Ministério da Educação como a primeira fase do lançamento do sistema dos empréstimos, o actual regulamento poderá estender o seu âmbito a mais alunos após uma avaliação dos resultados conseguidos. Torna–se patente, pela parte do Ministério, a vontade de justificar o investimento feito, que atinge, por estudante, os 735 contos no modelo anual e o dobro (1470 contos) no período de empréstimo de dois anos e para cuja concessão os bancos englobados no programa (CGD e Montepio Geral) exigem ainda uma fiança ou uma garantia real.

Um ano para pagar

Contudo, os empréstimos, ainda que aliviem momentaneamente a necessidade de dinheiro imediato que todos os estudantes sentem, podem vir a provocar preocupações mais fortes pouco tempo depois. Terminado o curso que frequentou durante a concessão do empréstimo o aluno tem um ano até começar a pagar o crédito que recebeu acrescido dos 50 % dos juros que o Estado não cobre. Juros que serão cobrados na totalidade caso não acabe o curso em que estava matriculado. As dificuldades aumentam quando a procura de emprego se revela uma tarefa árdua e o desemprego se afigura como uma realidade, situação em que o empréstimo poderá ser renegociado e alargado o ínicio do pagamento para dois anos mais tarde.

Podendo ser conjugado com a atribuição de bolsas de estudo (mesmo estatais) ao estudante em causa, os empréstimos acabam no entanto por atingir um "público" bastante reduzido dentro do universo de alunos do ensino superior. Os estudantes portadores de deficiências físicas ou mentais foram contemplados com maiores facilidades. Para estes estudantes a bonificação pode atingir os 70%.

"Desresponsabilização"

Confrontados com o problema desde a sua estipulação na "lei das propinas", os dirigentes estudantis nacionais sempre acreditaram que a ideia não vingaria, confiantes que estavam na rigidez das altas taxas de juro que os bancos praticam nos créditos pessoais. Confrontados no entanto com a possibilidade de serem já aplicados este ano lectivo como é vontade do ministério, as interrogações dos presidentes das Associações Académicas sucedem–se. Para Hugo Capote, presidente da AAC, a sua grande dúvida e temor passa pelo facto de considerar este regulamento como "o primeiro passo para o fim da Acção Social do Estado para com os estudantes" à semelhança do que fizeram outros países europeus que adoptaram esta medida como a Inglaterra ou a Alemanha. "Não passa do continuar de um processo de desresponsabilização do Estado", assegura o líder associativo coimbrão.

Na comparação com outros sistemas de financiamento universitário europeus, Hugo Capote refere o modelo sueco como um exemplo de eficácia que o governo português devia seguir e que passa pela consignação de um imposto especial às universidades pago apenas por todos os licenciados do país.

Adeodato Valente Pinto

Comentário

Adeodato Valente Pinto

Manifestamente insuficiente, inoperante e inócuo

É assim que me parece a última proposta com que Marçal Grilo nos brindou enquanto Ministro da Educação, os empréstimos bancários bonificados pelo Estado aos estudantes do Ensino Superior.

1. É insuficiente porque demasiado restritiva na concessão do crédito.

A abrangência apenas dos dois últimos anos do curso não incluem a franja maior dos estudantes que têm o seu direito a um curso superior em risco por dificuldades de índole económica. A definição de um rendimento máximo familiar como limite à concessão do crédito pode gerar desigualdades aberrantes conhecidos que são os defeitos do sistema fiscal português, impondo ainda a restrição a um estudante cujo rendimento familiar seja de 122 000 escudos (mais dois mil que o limite) mesmo sabendo que esse é um rendimento manifestamente insuficiente para quem quer dar um curso superior ao seu filho não atendendo também à composição do agregado familiar. Ao obrigar à prestação de uma fiança ou garantia real o regulamento deixa ainda de fora todos aqueles que por um desentendimento natural com o financiador da sua vida jovem (os pais) ficam na contigência de abandonar o curso e desresponsabiliza totalmente o Estado ao fazer recair sobre o estudante todas as obrigações decorrentes de um empréstimo que procurou numa situação de inferioridade económica.

2. Os empréstimos, tal qual o ME os concedeu revelam–se ainda inoperantes porque bastante dificieis de solver.

Desde logo é fixado um valor máximo (1470 contos) e uma data mínima para o início do seu pagamento (um ano após o fim do curso). Um simples exemplo será suficiente para demonstrar o erro que envolve tais pressupostos: imagine–se um estudante de direito que consuma o crédito concedido nos dois anos finais de licenciatura como o regulamento pressupõe; terá obrigatoriamente que o começar a pagar um ano depois, altura em que ainda se encontrará em estágio se seguir a advocacia (como o fazm mais de 50% dos licenciados em direito); sabendo que ainda lhe falta um ano para terminar um estagio que é NÃO–remunerado não será dificil de perceber que não terá condições de pagar o empréstimo.

É inoperante porque ao definir um prazo de 5 anos para o seu pagamento integral a lei não considera os casos de emprego instável e carrega o jovem de um encargo urgente que não se compreende ao olhar para créditos de 20 e 30 anos para comprar casa ou carro. É finalmente inoperante porque ao prever apenas a possibilidade de renegociação em caso de desemprego e apenas um adiamento pelo período de dois anos os torna de tal modo arriscados que a sua adesão deve vir a ser totalmente insignificativa para a resolução dos problemas de solvência financeira dos estudantes e das suas familias, bem como do acesso ao Ensino Superior por parte das classes mais fracas economicamente.

3. A solução encontrada asim pelo governo revela–se totalmente inócua ao falhar todos os objectivos a que se podia e entendia propor.

Desde logo a autonomia financeira do jovem, necessidade primeira da sua liberdade de escolha da profissão, direito constitucionalmente protegido. Não serão poucos os estudantes que aos 17, 18 anos, no momento da sua candidatura ao ensi-

Pólo II com nova residência

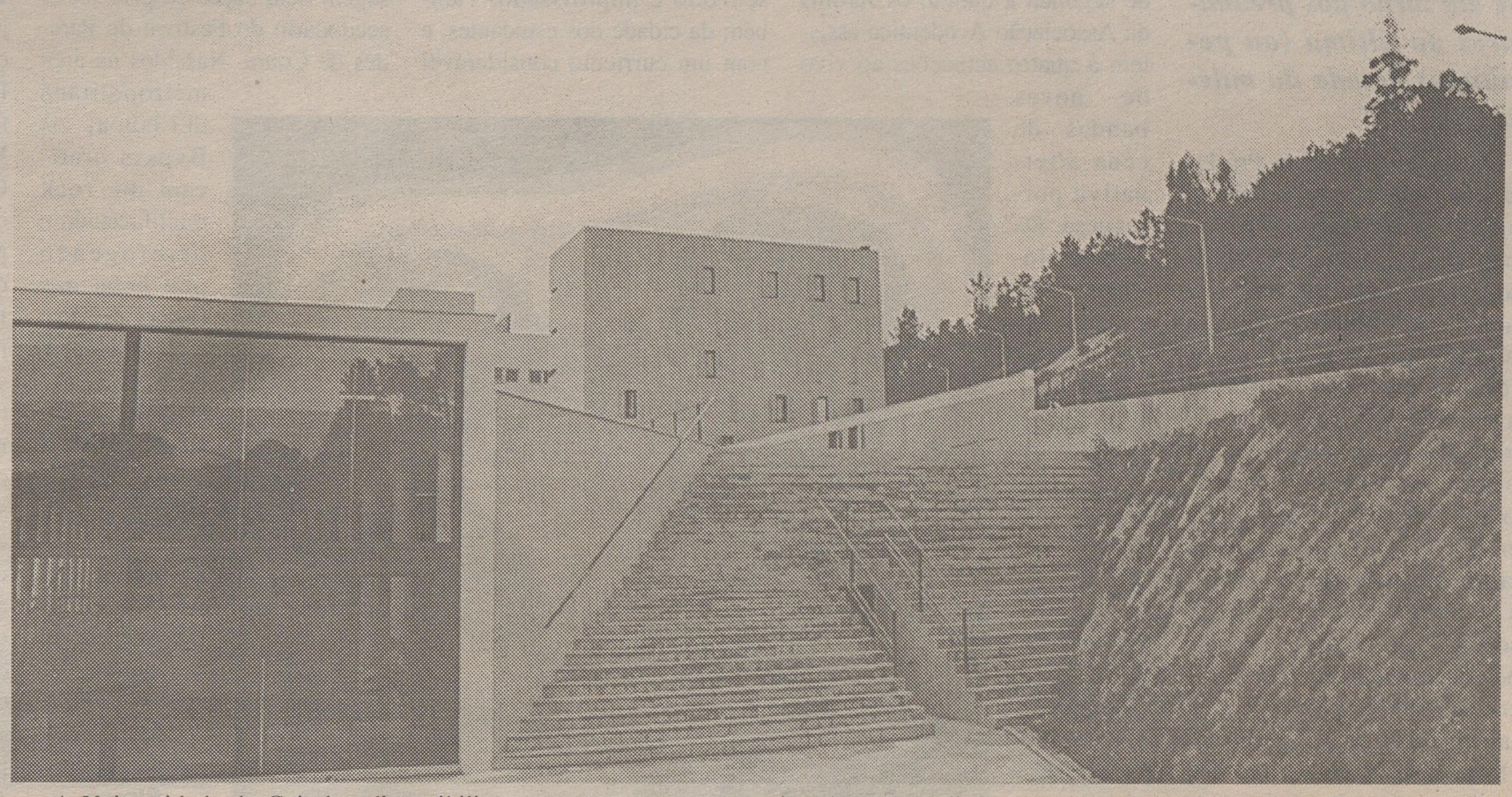
Colonos da nova cidade

no superior, se veêm coagidos a escolher determinado curso e consequentemente profissão pelos seus pais, afinal os verdadeiros detentores da capacidade financeira exigível para se frequentar com sucesso o ensino superior em Portugal. Começa por aqui provavelmente uma das maiores causas do insucesso escolar revelado nas universidades portuguesas.

Este sistema de empréstimos falha depois na concretização de um objectivo prosseguido de há muito pelo estado portugues: a parificação do ensino superior público e privado. Ridicularmente baixos para quem queira frequentar um curso privado, seja pela proximidade territorial da escola, seja pela qualidade ou exclusividade do curso ministrado, o valor do empréstimo definido rigidamente e tabelado impede que as universidades privadas concretizem o espirito com que foram criadas, o da suplantação das dificuldades estatais para fornecer o melhor ensino superior aos seus cidadãos e eleitores. Sem quqlquer alteração os empréstimos revelar–se–ão ainda totalmente ineficazes por não virem a ser pretendidos nem por 5% da população universitária portuguesa.

Quando há dois anos me foi dado a conhecer a lei que regulamenta o financiamento da Universidade em que me encontro, os empréstimos consagrados num dos últimos artigos e ainda à espera de desenvolvimento legal, pareciam–me a única compensação justa pela propina que nos obrigavam a pagar por um direito que a lei maior portuguesa entende como gratuito. Parecia–me um compensação justa porque poderia significar uma verdadeira autonomização e liberdade dos estudantes muito mais cedo do que é possível hoje em dia, assim como me fazia acreditar numa igualdade de oportunidades pelo curso pretendido, no local pretendido com as condições necessariás à sua concretização e faziam sonhar longinquamente com o fim dos "numerus clausus" nas universidades portuguesas. Continuo, no entanto, a acreditar no sistema de empréstimos aos estudantes caso a verba seja alvo de critérios subjectivos e o estado se assuma como o principal fiador do empréstimo concedido. Este regulamento agora aprovado mais não é do que uma carta de boas intenções sem o mínimo de eficácia e consequências práticas.

Como aliás a política do governo que lhe deu origem.



A Universidade de Coimbra disponibilizou uma nova residência universitária situada no Pólo II. Com capacidade para alojar cerca de 129 estudantes e localizada ao lado do Complexo Alimentar , a nova habitação foi inaugurada no passado dia 15 de Outubro com a presença do Dr António Lúzio Vaz, responsável pelos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC). O director dos SASUC mostrou regozijo com a nova residêncial, "com esta inauguração aumentamos para 950 camas disponíveis que oferecemos à comunidade estudantil da universidade de Coimbra, trata–se de uma residência moderna equipada de modo a preservar de certo modo a intimidade de grupos de quatro estudantes".

Os 129 residentes são na sua totalidade bolseiros e vão poder usufruir de complexos constituidos por dois quartos com casa de banho privativa. O acesso à internet é facultado através de um computador em cada quarto ligado à "Web". No novo edifício o uso de algumas instalações é colectivo: a pequena cozinha com frigorífico, o micro–ondas, o rádio, a televisão e o espaço de convívio que ainda está em fase de acabamentos. Há também um espaço que virá a ser aproveitado para construir um mini–anfiteattro destinado a actividades lúdicas e culturais.

A limpeza é da responsabilidade partilhada dos estudantes e de uma empresa: cada habitante ocupa–se do cuidado dos seu espaço em troca de mil escudos mensais, enquanto que as restantes instalações são limpas semanalmente por uma empresa especializada. A residencial é mista (masculina e feminina) e a mensalidade é de 6500 escudos. Os SASUC além de apoiarem directamente os estudantes carenciados através das residenciais, fornecem um suporte indirecto com o financiamento de 30 mil contos anuais às Repúblicas e, também, um apoio indirecto através da concessão de auxílios económicos a todos os bolseiros que concorram às residências. A todos os estudantes que não obtenham alojamentos pelos Serviços Sociais, os SASUC atribuem um benifício de quinze contos mensais. Porém, o problema da habitação estudantil em Coimbra está longe de estar resolvido. Não só os estudantes mais desfavorecidos sofrem com o drama, todos os que procuram alojamento em Coimbra são alvo da especulação, tal como reconhece António Lúzio Vaz - "verifica–se uma exploração desenfreada e especulativa, não só a nível de preços, por vezes da forma escandalosa na forma como as condições dos quartos são encontrados. Desde a requisição de banhos à requisição de entradas e saídas, tudo isso é feito para retirar ao estudante o elemento pecuniário que realmente nem sempre tem condições para o dar ". Face a esta realidade é urgente actuar ao mais alto nível " urgia que o governo tomasse medidas a nível nacional, porque isto é um caso grave. Como é que, sem condições de estudo, de habitabilidade, comida e salubridade, o estudante pode dar rendimento escolar ? " perguta o Dr Lúzio Vaz. De facto, é necessário agir através de uma fiscalização e legislação que previna casos crassos de exploração em que "qualquer pessoa fugindo às finanças pode ter em casa três estudantes em regime de contrato doméstico, de hospedagem e praticar preços altamente inflacionados",na verdade, só a partir de três estudantes é que as finanças actuam.

Experiência piloto.

A nova residência universitária localizada no Pólo II vai ser alvo de uma inédita iniciativa de integração de novos estudantes. Vinte e quatro caloiros , entre os quais doze rapazes e doze raparigas, vão ser acompanhados por vários "tutores". Os guias são professores, psicólogos e estudantes mais velhos irão fazer um acompanhamento sistemático ao longo do curso. Trata–se de uma experiência piloto para ver " até que ponto é que este acompanhamento, sem prejuízo da autonomia e da liberdade pessoal de cada estudante, é uma elemento importante no sistema educativo e no rendimento escolar" explica–nos o responsável pelos Serviços de Acção social. Esta iniciativa pretende ser um ponto de partida não só para a Universidade de Coimbra mas também para o resto do país.

José Carlos Santos

DEBATE - "O Jornalismo Universitário"

Oradores:
João Mesquita - Jornalista
Rosário Salvado - Dept. de Informação RUC
Rui Caniço - Dept. de Programação RUC
Bruno Ferreira - Jornal "A CABRA"
Moderador: Fernando Nunes - "A CABRA"

Dia 19 de Outubro,
18h30
Foyer do TAGV

Pré Latada com concertos e Ciclo de cinema

Aquecer para a Latada

A maior novidade da Festa das Latas e Imposição de Insígnias deste ano é a Pré–Latada. A música e o cinema unem–se em torno dos preliminares da última (ou penúltima) Latada do milénio.

A primeira etapa da Pré Latada ocorreu no passado dia 12 de Outubro na Igreja do Museu Machado de Castro com a actuação do duo António Olaio e João Taborda. A guitarra acústica de Taborda e a voz de Olaio ecoaram no templo e construiram uma autêntica sessão de culto. A procissão, no entanto, ainda vai no adro, esta semana o Auditório do Instituto Português da Juventude é o palco para um dos mais interessantes espectáculos : os Stealing Orchestra estreiam–se em Coimbra num concertos onde é possível apreciar as colagens de João Mascarenhas. A pilhagem de sons acompanhada pelo sentido de humor de Mascarenhas e acompanhantes são servidos à mesa "easy listening"/"Hardcore xunga". A actuação decorre no dia 21, às dez da noite as atenções vão centrar–se na banda que venceu os Prémios Maquete de 1999. O concerto dos Stealing Orchestra é uma colaboração da Pré–Latada com o Festival "Space 1999" que se tem dedicado a divulgar sonoridades mais experimentais.

Mas não só nas salas fechadas se realizam os espectáculos musicais, na semana de 25 a 28 , de segunda a quinta, os Jardins da Associação Académica assistem a quatro actuações ao vivo de novas bandas da cena alternativa portuguesa. Da cidade invícta chegam os My Porno Star, formados a partir dos Sadcow, estes portuenses encarnam os heróis do glam rock dos anos setenta e os sucedâneos da década de noventa. David Bowie, Suede ou Pulp são referências recicladas que, conjugadas com uma acentuada vertente teatral, conferem um ambiente envolvente aos espectáculos dos My Porno Star - para curiosos e distraídos. No dia seguinte (dia 26) o formato rock dá lugar ao jazz livre e lúdico dos Cooltrain Jazz Trio. Oriundos de Coimbra, estes três músicos fazem as delícias dos apreciadores de um estilo mais desenvolto e improvisado. Também da cidade dos estudantes, e com um currículo considerável em festas académicas, os Bodhi invadem os Jardins na quarta feira dia 27 com o seu pop/rock sónico de influência norte–americana. Como novo disco na calha, o "power trio" vai apresentar temas do Ep "The Haunted Sessions" e do primeiro longa duração que está a ser gravado durante este mês. Finalmente no dia 28, os Bypass estreiam–se na Lusa Atenas depois de uma passagem bem sucedida pelo palco secundário do Festival de Paredes de Coura. Nascidos na área metropolitana deLisboa, os Bypass praticam um rock multifacetado e heterogéneo que bebe nas fontes do dito rock " progressivo" e das novas danças. No final de cada concerto no Jardim a noite continua com animação dos DJs da Rádio Universidade de Coimbra.



Os Stealing Orchestra, uma das bandas da pré-latada

Cinco tardes, cinco filmes

Além da série de concertos, a Pré–Latada oferece cinco filmes de referência dos anos noventa. Ontem foi já possível visionar "Quatro quartos", uma película de Alexander Rockwell. Wim Wenders é outro dos realizadores escolhidos para integrar este ciclo, com uma das suas obras primas " Paris, Texas" que será exibido no dia 19 pelas 18 horas na Casa da Cultura. Paixão, solidão e desencontros no quotidiano de uma jovem mãe, um pai e uma criança com Natasha Kinsky, Harry Dean Stanton e DeanStockwell - filme no mínimo aconselhável. Mas não só de anglofonia vive o Ciclo de cinema da Pré–Latada, o cinema francês também marca presença no dia 20 com " O ódio" de Mathieu Kassovitz. Um ambiente de "cortar à faca" nos subúrbios de Paris, relações sociais em desintegração, racismo e a amizade ainda latente, numa das mais importantes obras cinematográficas francesas dos últimos anos. Também às seis da tarde, o singular mundo de Woody Allen invade a tela da Casa da Cultura com " As Faces de Harry". Psicótico e desconcertante este filme aparece como mais uma autobiografia de Woody Allen, que se faz acompanhar por Billy Cristal e Kristie Alley. O último filme desta série é às 15 horas , Emir Kusturica não podia faltar à festa. Depois do arrasante "Underground", o realizador jugoslavo regressa com uma ritmo laucinante : comédia, drama, ciganos nuns balcãs em detereorização.

José Carlos Santos

IX Festuna em Coimbra esta semana

Vamos FESTUNAr

O Festuna afirma–se como o Festival de Tunas da cidade de Coimbra por excelência. Distingue–se como um dos mais conceituados do nosso país e vai se realizar entre 22 e 24 de Outubro.

Organizado pela Estudantina Univeritária de Coimbra, este espectáculo tem o seu ponto alto às 21h30, no Teatro Académico Gil Vicente(TAGV), a 23 deste mês. Nesta noite vai se apurar, entre outros prémios, o galardão de Melhor Tuna. De referir, também, a atribuição do Prémio Fernando de Almeida para a melhor interpretação musical. Entre o variado leque de participantes, teremos a presença habitual da Estudantina Universitária de Coimbra, a Tuna Universitária do Porto e a Tuna Universitária de Salamanca. Esta última, habitué nestas lides, chegou a ser geminada com a Estudantina há dez anos.

O Festival teve as suas raízes no início dos anos 80 em que diversas Tunas visitavam Coimbra durante a Queima das Fitas. Porém, foi só em 1990 que se realizou o I Festival de Tunas e Estudantinas Universitárias de Coimbra com o figurino de concurso e cujo palco foi o Jardim da Sereia. Aliás, este monumento conimbricense foi casa das sucessivas edições da Festuna até 1996.

As primeiras edicões pautaram–se por alguns problemas de identidade e de promoção institucional. Por exemplo, somente em 1994 se recuperou a nomenclatura engendrada dois anos antes- Festuna`94- e só em 1996 se encontrou o modelo ideal para o certame. Mas, devido às profundas divergências entre a Comissão Organizadora da Queima das Fitas de 1996 e a Direcção da Secção de Fado, a Festuna afastou–se do programa oficial das festas académicas de Maio. Foi neste ano que a VI Festuna se realizou pela primeira vez no TAGV e em que se fez uma homenagem a Fernando de Almeida.

No que diz respeito a trabalhos discográficos relativos ao Festival, sobressai a edição pela Secção de Fado do primeiro CD Multimédia, intitulado "De Capa e Batina". Este trabalho integra algumas das melhores interpretações do VII Festuna bem como múltiplas informações sobre a cidade, a Universidade e a sua Academia, a Secção de Fado e o próprio Festival.

Voltando ao programa da IX Festuna, como aperitivo haverá um espectáculo de apresentação das tunas participantes, aberto ao público em geral, na Praça 8 de Maio às 15h00 do dia 23 de Outubro.

Assim e pela modesta quantia de 500$00 para estudantes e 1000$00 para não estudantes, o espectador terá direito a ouvir uma panóplia de tunantes nesta grande tradição académica na noite de 23 de Outubro.

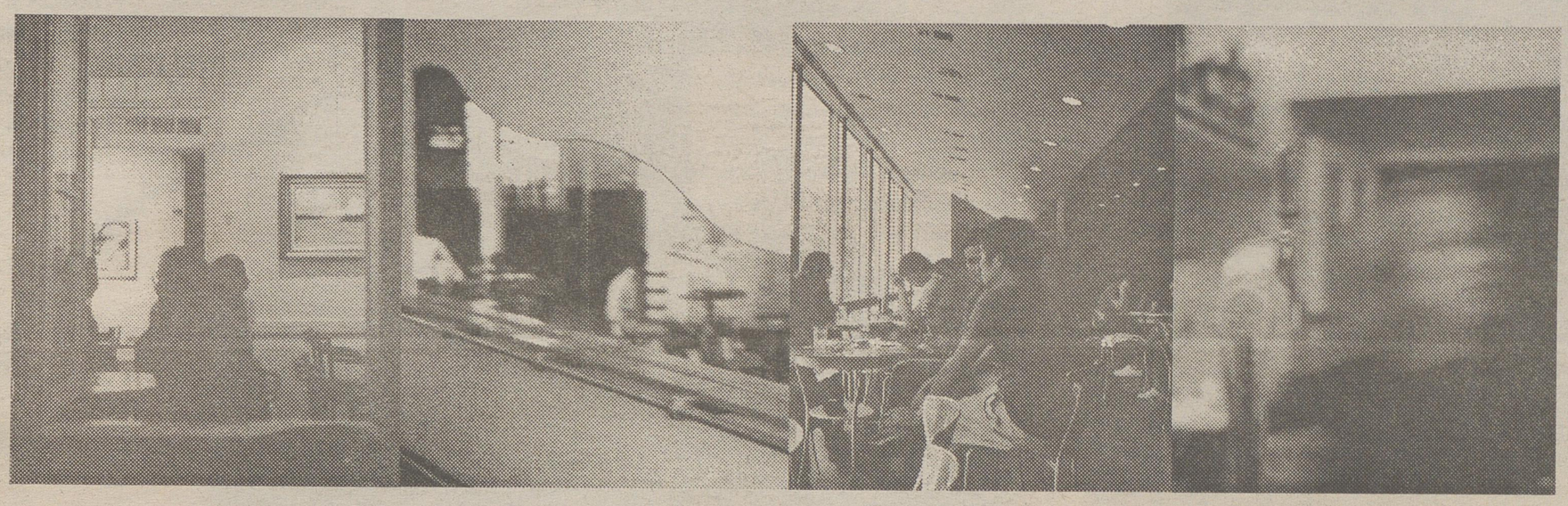
Helder Silva Dantas

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Directores-Adjuntos:** Adeodato Valente Pinto, Fernando Nunes **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Adeodato Valente Pinto, Nuno Curado, Ricardo Matos, Rui Justiniano **Redacção:** Ana Laura, Ana Pais, Andreia Gouveia, Bruno Vale, Catarina Silva, Cecília Santos, Daniel Marinho Pires, David Pereira Bastos, Eduardo Brito, Graça Costa, Guilherme Oliveira, Helder Silva Dantas, Hugo Ferreira, João Melo Alvim, João Vaz, José Mariz, José Carlos Santos, Pedro Correia, Ricardo S. Salgado, Rui Silva, Sérgio Alves, Sónia Martins, Susana Almeida, Susana Martins, **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Rosário Salvado, Tiago Maranhão **Fotografia:** Eduardo Brito, Nuno Curado, Renata Pimenta **Publicidade:** Bruno Vale contacto - 0936 6337197 / 039 821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** (039) 821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Iniciação

Nocturna



Coimbra à noite Um roteiro de bares e emoções...

A noite de Coimbra poderá não ser esplêndida, porém inspira os inúmeros boémios que cultivam um estilo de vida noctívago, oriundo de um imaginário quase mítico comum a todos os que passaram pela Academia de Coimbra. De Segunda a Domingo o copo transborda encontros, desencontros, fadiga, euforia, incertezas, pequenos prazeres efémeros e uma multiplicidade de emoções que outros mais ou menos anónimos tão bem cantaram.

... para quem faz da noite um poiso.

À noite

Todos os gatos são pard

Segunda-feira

A manhã cinzenta condiz com a perspectiva de uma semana atribulada e preenchida com um horário de aulas no mínimo desaconselhável. Porém, eis que ao atravessar a Praça da República um olhar me instiga a irresistível vontade de seguir os seus passos, o futuro às vezes está mesmo ao nosso lado - lirismo puro ou talvez não. O certo é que quando atravessava pela passadeira que indica o caminho para a o único Tertro da cidade um veículo quase me subtraía os valiosos dias de uma semana atípica. A tranquilidade patente no café do Teatro Académico de Gil Vicente contrasta com a azáfama dos transeuntes que regressam após mais um dia de trabalho. o olhar que perseguia foge enquanto fumo a deliciosa cafeína que sujava os apontamentos rabiscados durante uma longa tarde de pedagogia à mesa do Pratas. O espírito elevado não dispensa uma troca de palavras doces temperadas com uma amêndoa amarga num café ali mesmo ao lado. O Tropical já foi conhecido como o Kremlin da Praça Vermelha, o muro de Berlim realmente já caiu e por lá me distraí com uma reflexão em formato de diálogo interessante quanto baste. A Rua Padre António Vieira pareceu–me um bom percurso para evitar encontros desagradáveis (entenda–se trupes). Continuando numa de conversa afiada ao som de Miles Davis ou Herbie Hanckoc, o Piano Negro pareceu–me uma boa opção. O jarro de sangria convida a um momento mais íntimo ; vamos a ver no que isto dá... À saída a percepção espaço–temporal já se encontrava alterada, o resultado é que não consegui ir mais longe do que ao Bigorna. Mas será que a noite estava no fim? Nem pensar! Após mais alguns golos, as energias são retomadas e as pernas arrastam–se novamente até à Praça da República. A esta hora está quase tudo fechado, a decisão de abandonar a noite estava quase tomada quando um grupo de estudantes Erasmus me convenceram: acrescentaram uma estação ao percurso nocturno - o clube de Rugby.

Terça–feira

O dia começou às cinco quando acordei e bebi litro e meio de água, voltei ao vale dos lençois e acordei definitivamente por volta das sete, enquanto o rádio anunciava a atribuição da organização dos Jogos Olímpicos de 2150 a Portugal. A noite prometia : uma jantarada de curso num Restaurante da baixa com o mote de copos e vinho branco (ou melhor, vinho branco nos copos). A necessidade de me recompor exigia um café no Santa Cruz. A Diligência continua num bar com o nome à medida e para não pensarem que sou segregacionista, açambarco uma garrafa de vinho tinto ao som da inconfundível voz do senhor Vítor que intrepretava a Coimbra, de Cuba e de out abrilistas. A noite convidav vida à apreciação de manife tísticas, no Galeria Bar A imagem prolifera através d posição de um pintor que conhecer. As costas quebrar é longa e o bar é mesmo já mo. O Quebra Costas é um pício para conversar , a foto Simca testemunham as d alucinantes que brotam das habitam por estas bandas. introspecções, vou enfiar–m raco qualquer. A outra Via mente aliciante ; seres huma xo feminino em abundância lidades no consumo de bebi licas ? Não me parece nada Às sete da manhã saio já católico nem Latino da dita e decido tomar um pequen reforçado acompanhado pe no mais indicado (a uma pessoa norma gale peço um misto e u rial p olha fia

Textos José Carlos Santos e Catarina Silva
Fotografia :Renata Pimenta

a canção de
outros tempos
idava sem dú-
nifestações ar-
r Almedina a
és de uma ex-
ue acabara de
oram, a escada
o já lai ao ci-
um local pro-
fotografia e o
s divagações
das faces que
das. Chega de
r–me num Bu-
Via era igual-
umanos do se-
cia com faci-
ebidas alcoó-
ada má ideia.
já não muito
dita discoteca,
ueno almoço
pelo matuti-
(até pareço
rmal), no Pi-
um Croissant
e uma impe-
perante o
lhar descon-
fiado senhor
de bigo-
de.

Quarta–feira

É hoje que eu vou às aulas! - este foi o primeiro pensamento que me ocorreu quando acordei ao meio dia ao som do martelo pneumático que invadia o meu leve sono onírico. Às nove da noite sentia–me um verdadeiro herói, as aulas correram bem e eu percebi bem os sons monocórdicos que saíam da boca do docente que mais parecia um ancião (eu sei que é dificil de acreditar), mas como heróis só na Banda Desenhada tive de começar a noite no Pinto a saborear um delicioso néctar dos deuses. Após uma agradável visita de estudo pelas Repúblicas da Alta, o Académico OAF prometia uma overdose de sumo de cevada (ainda bem que hoje ainda não bebi!). Para continuar um percurso bem sóbrio fui levado pelo guia turístico de serviço até ao Moelas. Oh não, por esta é que não esperava, o senhor Américo oferece–me um catálogo de largas dezena de bebidas na sua esmagadora maioria com um teor de Alcoól relativamente considerável. O juízo não era muito e o Gado estava Bravo ; o Kitsch estava na ordem da noite. O mundo rock esperava pela fauna de todas as cores e feitios, para tal o Buraco Negro é o local mais indicado para satisfazer os desejos mais recônditos ; beber, ouvir guitarras bem distorcidas, beber, ouvir clássicos dos anos 80, beber, tentar conversar, beber ...enfim já deu para perceber.

Quinta–feira

Depois de me ter emburacado devo ter ido para casa, mas a verdade é quejá não me recordo muito bem. A quinta é sempre uma noite de referência para qualquer boémio,e , apesar da dor de cabeça as reservas ainda estavam para o que desse e viesse. À tarde dormi uma soneca durante um filme "hollywoodesco" de primeira, o que deu para recuperar dos resquícios da ressaca. Um fino e uma sande é o ideal para começar a todo o gás na esplanada do Académico, porém os chuviscos obrigam a uma retirada estratégica para as Amarelas. Cerveja barata e ambiente académica ao som de um canal de música sofrível são os aperitivos para uma noite daquelas que parecem especiais, mas que às vezes acabam na banalidade. Farto da cerveja nacional e à procura de sonoridades mais refinadas caminho pela rua dos Combatentes em busca do Botânico Bar, a flora não abunda, mas as espécies daquela bebida gaseficada são heterogéneas e aconselháveis. O bar fecha e dou comigo a vaguear pelas ruas que se dirigem à Cruz de Celas, o States é o meu destino, no entanto reza a tradição que entrar no States antes das quatro é mentira. Mesmo ao lado deparo–me com o Arco Bar, um cafézinho com petiscos bem apetecíveis a estas horas que vão puxando por algumas imperiais. No States tudo é diferente, desde o ambiente as pessoas e a música, trata–se de Quartel General dos cultivadores da música mais alternativa : rockabilly, punk, pop dos 80´s, e alguns sons mais dançáveis. À saída , numa atmosfera de fim de noite e início do dia, as conversas atingiam um considerável nível de demência.

Fim de Semana

À Sexta e Sábado Coimbra fica diferente. A maioria dos estudantes voltam para os papás e os coimbrinhas saem à rua. As almas não conimbricenses que decidem passar por cá estes dias sentem–se perdidas. A calma reina no atribulado trânsito da Lusa Atenas, e para afugentar o tédio debruço–me sobre as leituras pendentes. O Cartola acolhe bastantes noctívagos no início da noite , que pouco depois se dirigem numa dinâmica centrifuga para os mais variados poisos. Uma vez que fui pouco às aulas durante a semana decidi visitar a Faculdade (da Cerveja) com garantia de classificação final de 20 valores. Hoje estava definitivamente numa de " mainstream", deste modo não recusei o convite para ir confraternizar com a gente gira nos locais mais ratófilos (Rato e Ratão)

O domingo à tarde é uma valente seca, aconselha–se portanto o descanço, o repouso e o sono: se não o tiverem arranjem–no. A noite não é mais animadora por isso arrastei–me até ao Mil Doce onde pude descobrir o último grito em pastéis, ao menos isso ! A madeira é um Jardim e a Casa é de todos (os estudantes), estava com a voz afinada e fui cantar para o Sing Sing, eles não acharam lá muita piada e o melhor era mesmo ir ao Ex Libris para o Karaoke show. Azar! Estava fechado, a melhor opção era mesmo fazer o pino no meio da praça à espera que alguém desse por mim.

dos

À noite

Todos os gatos são pardos

Textos José Carlos Santos e Catarina Silva
Fotografia :Renata Pimenta

Segunda-feira

A manhã cinzenta condiz com a perspectiva de uma semana atribulada e preenchida com um horário de aulas no mínimo desaconselhável. Porém, eis que ao atravessar a Praça da República um olhar me intriga a irresistível vontade de seguir os seus passos. O futuro às vezes está mesmo ao nosso lado - lirismo puro ou talvez não. O certo é que quando atravessava pela passadeira que indica o caminho para o único Tertro da cidade um veículo quase me subtraía os valiosos dias de uma semana atípica. A tranquilidade patente no café do Teatro Académico de Gil Vicente contrasta com a azáfama dos transeuntes que regressam após mais um dia de trabalho. o olhar que perseguia foge enquanto fumo a deliciosa cafeína que sujava os apontamentos rabiscados durante uma longa tarde de pedagogia à mesa do Pratas. O espírito elevado não dispensa uma troca de palavras doces temperadas com uma amêndoa amarga num café ali mesmo ao lado. O Tropical já foi conhecido como o Kremlin da Praça Vermelha, o muro de Berlim realmente já caiu e por lá me distraí com uma reflexão em formato de diálogo interessante quanto baste. A Rua Padre António Vieira pareceu–me um bom percurso para evitar encontros desagradáveis (entenda–se trupes). Continuando numa de conversa afiada ao som de Miles Davis ou Herbie Hanckoc, o Piano Negro pareceu–me uma boa opção. O jarro de sangria convida a um momento mais íntimo ; vamos a ver no que isto dá... À saída a percepção espaço–temporal já se encontrava alterada, o resultado é que não consegui ir mais longe do que ao Bigorna. Mas será que a noite estava no fim? Nem pensar! Após mais alguns golos, as energias são retomadas e as pernas arrastam–se novamente até à Praça da República. A esta hora está quase tudo fechado, a decisão de abandonar a noite estava quase tomada quando um grupo de estudantes Erasmus me convenceram: acrescentaram uma estação ao percurso nocturno - o clube de Rugby.

Terça–feira

O dia começou às cinco quando acordei e bebi litro e meio de água, voltei ao vale dos lençois e acordei definitivamente por volta das sete, enquanto o rádio anunciava a atribuição da organização dos Jogos Olímpicos de 2150 a Portugal. A noite prometia : uma jantarada de curso num Restaurante da baixa com o mote de copos e vinho branco (ou melhor, vinho branco nos copos). A necessidade de me recompor exigia um café no Santa Cruz. A Diligência continua num bar com o nome à medida e para não pensarem que sou segregacionista, açambarco uma garrafa de vinho tinto ao som da inconfundível voz do senhor Vítor que intrepretava a canção de Coimbra, de Cuba e de outros tempos abrilistas. A noite convidava sem dúvida à apreciação de manifestações artísticas, no Galeria Bar Almedina a imagem prolifera através de uma exposição de um pintor que acabara de conhecer. As costas quebram, a escada é longa e o bar é mesmo já lai ao cimo. O Quebra Costas é um local propício para conversar , a fotografia e o Simca testemunham as divagações alucinantes que brotam das faces que habitam por estas bandas. Chega de introspecções, vou enfiar–me num Buraco qualquer. A outra Via era igualmente aliciante ; seres humanos do sexo feminino em abundância com facilidades no consumo de bebidas alcoólicas ? Não me parece nada má ideia. Às sete da manhã saio já não muito católico nem Latino da dita discoteca, e decido tomar um pequeno almoço reforçado acompanhado pelo matutino mais indicado (até pareço uma pessoa normal), no Pigale peço um Croissant misto e uma imperial perante o olhar desconfiado senhor de bigode.

Quarta–feira

É hoje que eu vou às aulas! - este foi o primeiro pensamento que me ocorreu quando acordei ao meio dia ao som do martelo pneumático que invadia o meu leve sono onírico. Às nove da noite sentia–me um verdadeiro herói, as aulas correram bem e eu percebi bem os sons monocórdicos que saíam da boca do docente que mais parecia um ancião (eu sei que é difícil de acreditar), mas como heróis só na Banda Desenhada tive de começar a noite no Pinto a saborear um delicioso néctar dos deuses. Após uma agradável visita de estudo pelas Repúblicas da Alta, o Académico OAF prometia uma overdose de sumo de cevada (ainda bem que hoje ainda não bebi!). Para continuar um percurso bem sóbrio fui levado pelo guia turístico de serviço até ao Moelas. Oh não, por esta é que não esperava, o senhor Américo oferece–me um catálogo de largas dezena de bebidas na sua esmagadora maioria com um teor de Alcoól relativamente considerável. O juízo não era muito e o Gado estava Bravo ; o Kitsch estava na ordem da noite. O mundo rock esperava pela fauna de todas as cores e feitios, para tal o Buraco Negro é o local mais indicado para satisfazer os desejos mais recônditos ; beber, ouvir guitarras bem distorcidas, beber, ouvir clássicos dos anos 80, beber, tentar conversar, beber ..enfim já deu para perceber.

Quinta–feira

Depois de me ter emburacado devo ter ido para casa, mas a verdade é quejá não me recordo muito bem. A quinta é sempre uma noite de referência para qualquer boémio,e , apesar da dor de cabeça as reservas ainda estavam para o que desse e viesse. À tarde dormi uma soneca durante um filme "hollywoodesco" de primeira, o que deu para recuperar dos resquícios da ressaca. Um fino e uma sande é o ideal para começar a todo o gás na esplanada do Académico, porém os chuviscos obrigam a uma retirada estratégica para as Amarelas. Cerveja barata e ambiente académica ao som de um canal de música sofrível são os aperitivos para uma noite daquelas que parecem especiais, mas que às vezes acabam na banalidade. Farto da cerveja nacional e à procura de sonoridades mais refinadas caminho pela rua dos Combatentes em busca do Botânico Bar, a flora não abunda, mas as espécies daquela bebida gaseficada são heterogéneas e aconselháveis. O bar fecha e dou comigo a vaguear pelas ruas que se dirigem à Cruz de Celas, o States é o meu destino, no entanto reza a tradição que entrar no States antes das quatro é mentira. Mesmo ao lado deparo–me com o Arco Bar, um cafézinho com petiscos bem apetecíveis a estas horas que vão puxando por algumas imperiais. No States tudo é diferente, desde o ambiente as pessoas e a música, trata–se de Quartel General dos cultivadores da música mais alternativa : rockabilly, punk, pop dos 80´s, e alguns sons mais dançáveis. À saída , numa atmosfera de fim de noite e início do dia, as conversas atingiam um considerável nível de demência.

Fim de Semana

À Sexta e Sábado Coimbra fica diferente. A maioria dos estudantes voltam para os papás e os coimbrinhas saem à rua. As almas não conimbricenses que decidem passar por cá estes dias sentem–se perdidas. A calma reina no atribulado trânsito da Lusa Atenas, e para afugentar o tédio debruço–me sobre as leituras pendentes. O Cartola acolhe bastantes noctívagos no início da noite , que pouco depois se dirigem numa dinâmica centrifuga para os mais variados poisos. Uma vez que fui pouco às aulas durante a semana decidi visitar a Faculdade (da Cerveja) com garantia de classificação final de 20 valores. Hoje estava definitivamente numa de " mainstream", deste modo não recusei o convite para ir confraternizar com a gente gira nos locais mais ratófilos (Rato e Ratão)

O domingo à tarde é uma valente seca, aconselha–se portanto o descanço, o repouso e o sono: se não o tiverem arranjem–no. A noite não é mais animadora por isso arrastei–me até ao Mil Doce onde pude descobrir o último grito em pastéis, ao menos isso ! A madeira é um Jardim e a Casa é de todos (os estudantes), estava com a voz afinada e fui cantar para o Sing Sing, eles não acharam lá muita piada e o melhor era mesmo ir ao Ex Libris para o Karaoke show. Azar! Estava fechado, a melhor opção era mesmo fazer o pino no meio da praça à espera que alguém desse por mim.


DOM
A CABRA
PROCURA
jornalistas
fotógrafos
gráficos
PARA MAIS
INFORMAÇÕES
VISITA A SECÇÃO
DE JORNALISMO NO
EDIFÍCIO DA AAC

AAC apoia edição do álbum de Banda Desenhada

O Concurso em álbum

A Associação Académica de Coimbra irá levar a cabo a publicação de um álbum de Banda Desenhada com as obras dos doze primeiros classificados do "1º Concurso de Banda Desenhada". Esta iniciativa visa fomentar a criação artística e incentivar, bem como premiar, os participantes neste concurso organizado pela Secção de Jornalismo da AAC e pela livraria Dr. Kartoon.

A obra será publicada no formato 26cmx31cm em papel couché estando prevista uma edição de quinhentos exemplares. Cada álbum terá 48 páginas das quais dezassete serão a cores. A primeira edição será de quinhentos exemplares e eis o texto de abertura do álbum da autoria do responsável pelo Júri, João Miguel Lameiras.



Mais do que para ser exposta em paredes, mesmo que devidamente emoldurada e iluminada, o fim último da Banda Desenhada é ser lida. As páginas que constituem uma qualquer BD procuram, acima de tudo, contar uma história ao futuro leitor. São a melhor forma que o seu autor tem de comunicar com os outros.

Tendo isso em conta, o jornal académico A Cabra e a Livraria Dr. Kartoon, contando com o indispensável apoio da Associação Académica de Coimbra promoveram a edição do álbum que em breve chegará às vossas nas mãos. Álbum esse que reune os trabalhos de 13 dos 35 participantes neste 1º Concurso de BD, A Cabra/Dr. Kartoon. Um número surpreendentemente alto, tendo em conta que se trata de uma primeira edição e que os prémios eram bem menos aliciantes do que vem sendo habitual em iniciativas deste género, mas que é a prova viva de que em Coimbra há muita gente que se interessa pela Banda Desenhada de uma forma activa e que a escolheu como meio de contar histórias. Assim lhe sejam dadas oportunidades.

A cores ou a preto e branco, utilizando aguarelas, guaches, ou o computador, as histórias seleccionadas pelo júri para publicação foram–no com base em critérios de qualidade, infelizmente condicionados pelas limitações materiais inerentes a um álbum de 48 páginas, das quais apenas 16 podem ser a cores. Assim, aos 4 trabalhos premiados juntámos mais nove que tinham qualidades mais do suficientes para serem publicados. São 13 histórias que se caracterizam pela diversidade das abordagens e dos cenários, desde espaços urbanos indefinidos (do passado, presente e futuro) até à New York da história de Ricardo Ferrand, e à Coimbra reinventada do "Pequeno Conto acerca da Liberdade" de Marco Moura e Sérgio Oliveira. Do mesmo modo, o peso das palavras também varia e, se o texto funciona muitas vezes como contraponto poético, como por exemplo na história de José Augusto Gomes e na "Alegoria" de Jenito, está completamente ausente do "Fly Man" de Marco Moura e das "Estorias a uma Lua" de Alexandre Esgaio, em que o silêncio é apenas quebrado pelo tema "London, London" de Caetano Veloso. Uma diversidade que é mais uma prova das enormes potencialidades da BD enquanto meio de contar histórias em inteira liberdade

E assim se cumpre o sonho da maioria dos participantes neste concurso. O sonho de ver o seu trabalho publicado. É um passo importante no sentido de uma eventual carreira enquanto autor de BD, mas apenas um primeiro passo, num caminho difícil e cheio de dificuldades. Por isso mesmo, estímulos como estes são fundamentais, não só para os participantes deste 1º Concurso, mas para todos os outros que não participaram, mas que agora sabem que têm aqui uma oportunidade de publicação. Basta saber aproveitá–la.

João Miguel Lameiras

Desenhos e desenhadores que serão publicados:

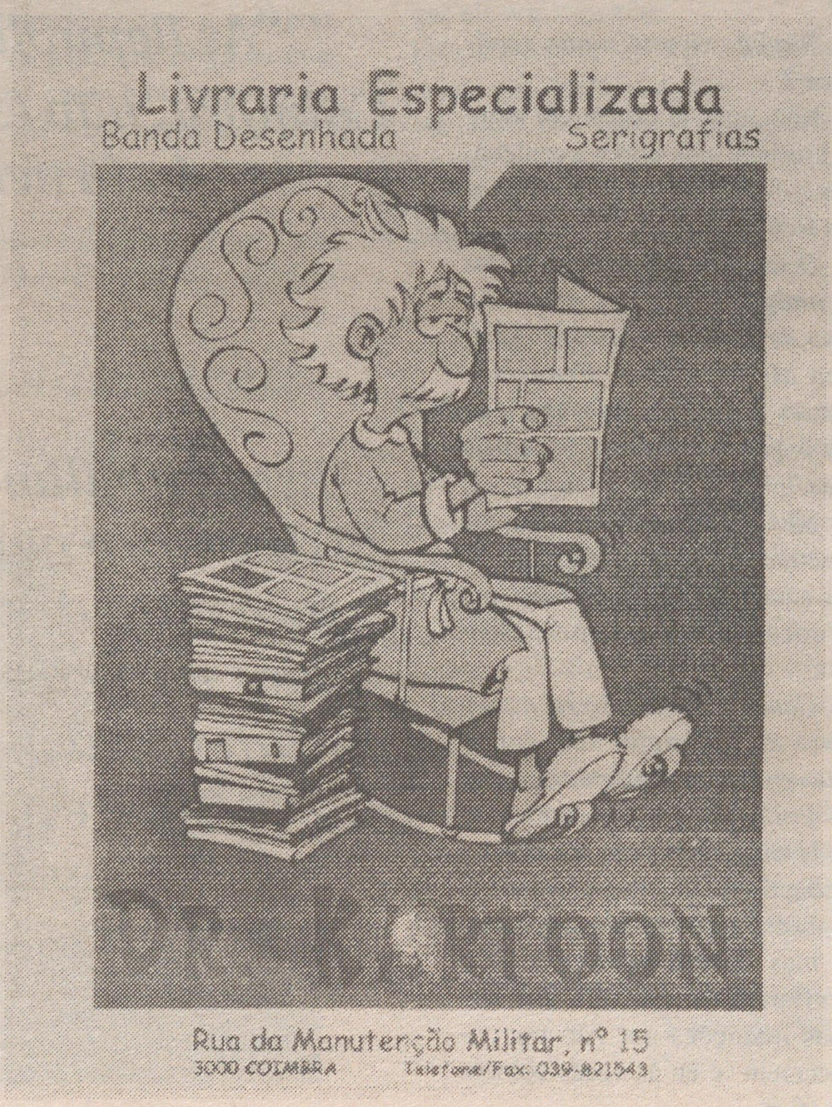
Preto e Branco

-"A solidão", de Augusto Pinho e Pedro Araújo
-"O Suicida", de Ricard Ferrand
-"A Cabeça Ocupada", de João Lima e Neto Catritas
-"Sem Título"-Augusto Gomes
-"Memórias de um Embarcado", de Rui Branco Messias
-"Estórias a uma Lua", de Alexandre Esgaio
-"O Fervor de Sábado à Noite", de Luis Eduardo e Neto Catritas

Cor

-"Sonho", de Augusto Pinho e Pedro Araújo
-"Fly Man", de Marco Moura
-Sem Título, de Inácio e Santos
-"The Boy in the Paper World", de Miguel Furtado
-"Alegoria", de Janito
-"Pequeno Conto Acerca da Liberdade", de Marco Moura e Sérgio Oliveira

Em breve numa livraria perto de si !



"Repúblicas de Coimbra", um livro de fotografias de Paulo Abrantes

Fixar o interior das Repúblicas

É um livro de bolso com fotografias de quase todas as repúblicas da cidade de Coimbra. Paulo Abrantes, o autor das imagens, conta as razões que o levaram ao interior destas casas para registar o que de mais criativo existe nelas através da sua objectiva. Um retrato de dentro para fora num olhar pessoal à procura de vivências que possam perspectivar o futuro.

Qual é a ideia que está na origem deste livro de fotografias intitulado "Repúblicas de Coimbra" ?

O respeito e o carinho que tenho pelas Repúblicas. Eu nunca fui republico nem estudante mas sempre convivi com pessoas das Repúblicas, depois em termos fotográficos são casas que têm símbolos do passado e outras coisas engraçadas que me estimularam a realizar o trabalho.Foi um trabalho aleatório de escolha das fotografias e do interesse que cada república poderia ter em cada uma das páginas do livro.

As fotografias tem essa pretensão de fixar o passado e perspectivar o futuro ?

Sim, a procura do passado e uma intenção de reflectir o presente para que os republicos possam a partir daqui pensar o seu futuro, precisando de resolver os seus problemas unidos.Às vezes eles andam unidos outras vezes não...Este trabalho pode ser também prospectivo como instrumento, irá servir como motivo de discussão e que sirva de uma certa união. Eles próprios ao lerem os textos podem também descobrir qualquer coisa e unirem–se e tentarem resolver os problemas que cada casa tem. São poucas as Repúblicas que não têm problemas e eles precisam de os resolver

Nunca viveste numa república ?

Não...mas já dormi em algumas e bebi uns copos...centenários... e depois arranja–se amigos nas Repúblicas.

O teu livro abre com textos de antigos republicos, como é o caso de Casimiro Simões, Américo Mascarenhas, Francisco Fontes e o Dr. Lúzio Vaz. Como é que chegastes a estas pessoas ?

São pessoas que tiveram uma vivência importante de republicos e nada nelhor do que eles para documentarem outras vivências.

Como é que decorreu o processo de fotografar as vinte e sete repúblicas existentes?

Pois, são vinte e sete casas onde em cada uma vivem em média 6 a 10 pessoas e as que me conheciam puseram–me à vontade mas houve outras que desconfiaram um bocado das minhas intenções por não me conhecerem e eu às vezes coloco–me no lugar deles e respeito o facto de que se vivesse numa casa e aparecesse alguém a querer tirar fotografias à minha casa para um livro também podia imaginar a quantidade de pessoas que podem bater esta tanga. Houve pessoas bastante cépticas e outros que precisaram de se reunir o que foi dificultando o trabalho, porque para fazer algo criativo ou é aquele momento em que vais lá ou então tens que fazer o programa semanal das Repúblicas que vais fotografar e isso eu não queria.



©Luís Mendes Santos

"As Repúblicas são só de Coimbra, não existem em mais lado nenhum."

"Este trabalho foi para ser feito de dentro para fora e não de fora para dentro, ou seja, a maior parte das fachadas não me interessava porque seria denegrir o que é a imagem de uma República."

Na página 92 há uma referência à República dos Inkas enquanto república que não se deixou fotografar. Qual foi a razão da recusa ?

O comportamento de ambas as partes foi um bocado estranho. Numa primeira vez, visitei as repúblicas sem máquina fotográfica, como fiz em todas as outras, para explicar primeiro as razões e o interesse deste meu trabalho, e com os Inkas as coisas passaram–se de maneira diferente. Eu também entrei um bocado à "cowboy", com a porta fechada e eles têm também um cão um bocado estúpido. Não sou só eu que o digo pois há pessoas e republicos vizinhos que já tiveram problemas com o cão. Eu gosto muito de animais mas os animais são um bocado o reflexo dos donos e se eles são agressivos as pessoas também o foram e catapultaram para mim uma certa agressividade. Eu estava interessado em fazer o trabalho, com um mau ambiente por parte deles e um cão a querer morder–me, eles disseram que precisavam de reunir e então eu disse–lhes que lhes telefonava mais tarde. Quando lhes telefonei, eles disseram–me que não dava para fotografar . Eu penso que ambos tivemos um comportamento que não ajudou à riqueza do trabalho.

Estas fotografias retratam sobretudo o interior das casas, pois não há nenhuma fachada ou exterior das casas. Houve uma preocupação da tua parte em fixar as pinturas e as frases e os murais das paredes das Repúblicas ?

Sim. Este trabalho foi para ser feito de dentro para fora e não de fora para dentro, ou seja, a maior parte das fachadas não me interessava porque seria denegrir o que é a imagem de uma República. A maior parte delas está numa degradação esquisita e eu acho que não se admite. Não sei mesmo quem tem a culpa nem quero saber , não faço julgamentos desses. Era, portanto, um trabalho feito a partir de dentro para ficar como memória e registo daquele instante. Eu digo–te isto porque houve Repúblicas que fizeram obras e cometeram a atrocidade de pintar muitas paredes de branco. Esquecem–se assim do passado, não mantiveram nem recuperaram os murais. Hoje com as tecnologias é fácil recuperar os murais e há muitas que fazem obras e apagam–nas e há muita gente nova que chega às casas que quando pode fazer obras ninguém sabe o que é que lhes passa pela cabeça. O livro tem essa vantagem de registar o que existia pois mesmo que apaguem o que está lá fiça aqui registado.

Quais foram os passos seguintes até chegar à edição do livro ?

Antes quero dizer–te que as repúblicas são só de Coimbra, não existem em mais lado nenhum. O espírito de República e o que é uma República só existe em Coimbra e fui procurar instituições e organismos de Coimbra que me pudessem ajudar. O Dr. Lúzio Vaz e os Serviços Sociais disponibilizaram–me a impressão e apoio logístico e gastos de material, depois tive o apoio financeiro em troca de livros como permuta de serviços com Pelouro da Cultura da Associação Académica, o mesmo com a Reitoria que achou interessante a obra e quer colocar alguns nos seus pontos de venda e também o Ministério da Cultura que me pagou o material fotográfico e à pessoa que fez o estudo gráfico pelo Vasco Rodrigues. Este trabalho levou–me seis meses a fazer e não houve subsídios directos mas apenas apoios à elaboração do trabalho.

Qual é a reacção que esperas de todas as pessoas envolvidas possam vir a ter em relação a este livro ?

Sabes, eu gosto mais das pessoas que me apontem as deficiências do que daquelas que digam que o livro é excelente.

Uma das deficiências que apontam é o facto das fotografias serem bastante pequenas . Concordas ?

Mas o livro é também bastante pequeno e isto é mais um livro de bolso. É óbvio que eu queria fazer um livro do género dos Encontros de Fotografia mas eu tive que fazer um livro com as condições que tinha e penso que foi bom assim. Se uma pessoa quiser ver as imagens pode ir às repúblicas e ver no seu tamanho natural, por outro lado eu tencio–no fazer uma exposição com o lançamento do livro com 20 das melhores fotografias em tamanho grande o que também me agrada.

Entrevista realizada por Fernando Nunes

A vida que lhes vai dentro

Os primeiros anos de vida numa cidade aguentam–se bem, é sabido que a novidade e o e o ritmo lento da adaptação são a nossa"dolce vita" das cidades. Afinal as cidades não existiam sem nós. As cidades somos nós dentro. Com ou sem energia. Com ou sem alegria. Com ou sem bons decisores. Platão definiu um lugar importante para os filósofos no governo da cidade. Os poetas hoje ficam em silêncio à espera de uma madrugada clara para que o poema surja.Um poema que possa ter a forma de uma cidade, essa conjugação de casas que os gregos chamaram polis. A polis que de central se foi descentrando da comunidade e dos homens que a habitam. Erguem–se agora conceitos de cidades para os destruir amanhã, relegando tudo o que é humano para a periferia. Afastados do centro pensam eles que nos olham melhor. Um olhar simplista que percorre a visão arqueológica do "castiço" com intenções de mapa de turista de passagem . E periféricos passamos muito tempo no interior de casas, conservando os cheiros, utilizando palavras gastas que poucas vezes se renovam, anulando o tempo que agora passa a grande velocidade como os comboios pendulares, invadindo os espaços sem os modificar, pervertendo o que mais interessante existia sem poder sequer ser possível um imaginar ou dar lugar a uma diferença. A herança é muitas vezes uma pesada memória metralhada de cinco em cinco minutos, recordando frequentemente o espaço experienciado pelos que já lá não estão, repetindo–lhes as frases ao comprido pelas paredes, orgulhando–se de pinturas imperceptíveis, ou fotografias de conjunto, lembranças de dias e de estórias que o tempo não consegue esquecer. Há também vidas que se fazem deste presente diferente que agora se inventa. Um presente feito de uma interioridade que se abre sem negar o principio que lhes deu origem, organizando agora o melhor que se pode exigir do conjunto, permitindo a participação daqueles que, não esquecendo o passado, reinventam um novo momento de risco, de inovação e de uma vivência que se experiencia com responsabilidade e sem ressentimento. Não, descansem os arautos do discurso nostálgico, o mundo não está perdido. Perdidos pode ser que haja lugar par a um novo encontro ou que nos possamos encontrar continuamente de forma diferente. Por isso a frase"Coimbra tem mais encanto na hora da despedida" não serve a quem continua a viver por dentro desta cidade à deriva, sem centro, mas com a satisfação de continuar à margem sem qualquer estatuto arqueológico de marginal.



"Repúblicas de Coimbra" é assim o título de um àlbum de fotografias de Paulo Abrantes, numa edição de autor com os apoios dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, da Reitoria , da Direcção Geral da A.A.C, e do Ministério da Cultura. Os textos "interiores" são de António Luzio Vaz, Francisco Fontese Américo Mascarenhas.

Fernando Nunes

Repúblicos comentam livro de fotografias de Paulo Abrantes

"A Cabra" durante uma semana foi à procura de depoimentos de membros das "Repúblicas de Coimbra" retratadas no livro de Paulo Abrantes. Após ter tido algumas dificuldades na recolha de comentários e se ter deparado com alguma morosidade na obtenção dos mesmos, aqui apresentamos os depoimentos possíveis. Aqui fica também um aviso muito importante: as opiniões expressas individualmente não manifestam necessariamente a apreciação geral das Repúblicas visadas nas fotografias.

"Que possa estimular outros devaneios artísticos"



Este trabalho é suficientemente instigante no contexto da actual produção de produtos de consumo cultural sobre as Repúblicas.

O seu conteúdo temático expresso no título deixa a desejar naquilo que as casas são realmente. Mais não se poderia esperar de quem quer dinamizar o seu trabalho numa academia com mecenas culturais que, apesar da sua boa fé e discutível sensibilidade,refiro–me à literatura, não conseguem a maior parte das vezes reflectir a importância estética adjacente à produção multicultural universitária.

Passando à crítica do livro propriamente dita, apenas me cabe comentar que apreciei as fotografias com agrado e também tristeza pois, foi necessário usar uma lupa. As fotos documentais deste livro desordenado retratam as naturezas mortas das casas, sendo muitas delas de boa qualidade, o me leva a sugerir uma futura exposição para as observar melhor.

Os textos apresentados são de importância benéfica, já que nos situam quer em contextos histórico–sociais, quer através das diferentes sensiblidades de quem os escreveu, o que as Repúblicas foram, ou talvez ainda o sejam.

Apesar de tudo, gostava de louvar a iniciativa e trabalho do autor, agradecendo a publicação deste documento que irá concerteza enriquecer o espólio bibliográfico da República Bota Abaixo.

Por fim espero e apelo para que esta iniciativa possa estimular outros devaneios artísiticos a quem os queira continuar e assim reineventar diferentes olhares sobre as Repúblicas em que vivemos, casas sem preconceitos discutíveis.

Pedro Bastos
Real República do Bota Abaixo

"Um aviso aos repúblicos"



Poderia começar com toda uma "lenga–lenga" para enaltecer o "espírito da obra", deixando apenas uma sugestão de que o "perfeito poderia ter sido alcançado", ou agradecimentos prévios...mas não.

Não foi bem idealizado (apesar da ideia ser boa), não foi bem apresentado (afinal o quê?) e a execução deixa muito a desejar.

Não me compete criticar o conceito orientador do projecto que originou esta edição, nem me quero embrenhar numa salganhada de ideias que em nada se relacionam com as Repúblicas, ou com fotografias destas.

Trata–se de uma obra gráfica. Essa sim com um conceito que poderia ter sido utilizado com fotografias de diversos temas, desde as esquinas neo–clássicas das cidades pequenas do país até aos gradeamentos metálicos do romantismo, mas decerto não aplicável ao presente.

Paulo Abrantes revê–se nas fotografias que tirou e na forma como as tratou. Ideias indistintas e quase indefinidas, reduzidas a uma importância fragmentada tal como as suas ideias, onde a alvura do "couché" se torna a parte mais importante, bem como a numeração.As fotografias feitas por Paulo Abrantes, principalmente o tratamento de que foram alvo, evocam uma ditadura em que a identidade dos objectos não interessa. Nem o que os rodeia, que é o mais importante, o que lhes dá uma razão de existência .

Por isso a ideia e a vista de Paulo Abrantes estão desfocadas e reduzidas à dimensão

que ele nos transmite.

Esta obra, mais do que mostra, serve de avisos aos repúblicos, para o que não devem deixar que façam do seu espólio, e para a arte em geral, no que é evitável, no que não queremos que seja um novo tipo de autoritarismo.

João Guerreiro
Solar do 44

"A centelha que dá espírito às casas"

Paulo Abrantes é um fotógrafo que nos tem habituado a um trabalho muito interessante como é demonstrável agora neste trabalho "As Repúblicas de Coimbra".

Este livro parece–me ser uma excelente maneira de revelar o que são as casas, fisicamente falando, retratando tanto o que são as suas vivências no presente como no passado.

Parece–me, no entanto, que o Paulo captou essa centelha que dá espírito às casas e que se materializa nos próprios espaços, transformando–os. Foi com especial carinho que "re–vi" por outros olhos, re–perspectivando, os espaços tão habituais: aquele em que habito, ou aqueles que vou habitando.

No entanto, o olhar mais atento fez–me constatar que este conjunto de fotografias é um reflexo em cuja sombra se insinua um universo muito masculinizado, retratado por vezes, de forma um pouco violenta. O que de certo modo, abona a favor de que se criem espaços das mulheres, para mulheres. Esta questão talvez merecesse uma discussão mais aprofundada, mas apenas quis fazer um pequeno reparo: as Repúblicas não são mulheres para serem"fruídas e amadas, talvez adoradas como deusas", as Repúblicas também são construídas dia–a–dia por mulheres, que não se vêem como algo que sirva para fruir, e que muito menos se julgam deusas.

Parabéns ao Paulo Abrantes.

Ana Sofia Pinto
Solar Marias do Loureiro

"É minimamente elucidativo"



O Kimbo agradece o esforço do autor. O trabalho é minimamente elucidativo para quem queira ter o mínimo conhecimento do fenómeno República.É magnífico na imagem, porém, subvalorizou o texto, entendemos que talvez tivesse saído mais enriquecido se se tivesse inserido um texto que explicasse o funcionamento interno das Repúblicas ou seja , o que as distingue de uma residência universitária qualquer ou de uma simples casa comunitária. No entanto, num cômputo geral o trabalho é positivo e satisfará a curiosidade de grande parte dos nossos colegas do Erasmus e dos caloiros.

Saudações Académicas
Kimbo dos Sobas

Elenco do TEUC questiona Tiago Torres da Silva

"Como os acasos da Clarice"

"E Se...!? Um espectáculo para Clarice Lispector", com encenação de Tiago Torres da Silva, é o próximo espectáculo teatral do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra a estrear a 11 de Novembro, no Teatro de Bolso. A Cabra sugeriu aos membros do TEUC que interrogassem o encenador e nos contassem o trabalho que têm em mãos. Sobre Tiago Torres da Silva, foi também autor e encenador de vários espectáculos aplaudidos pelo público e pela crítica, tais como "Alguém me sabe dizer se estou vivo ?!" e "É o Mar, Alfonsina, é Mar", tendo também editado recentemente o romance "Um s a Mais" pela editora Quetzal. Eis, portanto, aqui alguns excertos da longa conversa efectuada no Teatro de Bolso onde decorre a preparação e os ensaios do espectáculo.

O que é que na Clarice Lispector atraiu tanto o Tiago para o ter levado a escolher esta escritora como tema da nossa peça?

Nada, não fui eu que a escolhi. Eu propus uma série de autores e escolheram a Clarice; fico muito contente, gosto muito da poesia dela, acho que é bastante próxima do que eu pensaria se fosse mulher, e era uma obra que eu conhecia bastante bem, portanto facilitou–me a vida. Mas uma das pessoas de quem eu falei foi o Kurt Cobain; outra pessoa de que falei foi o Moisés... Calhou a Clarice, olha!...Foi um acaso, como os acasos da Clarice, que nunca são por acaso, é porque tinha que ser.

Mas nas sugestões que fez figurava a Clarice?

Eu na altura das sugestões pensei em pessoas que já tivessem morrido porque facilitava o trabalho, já que se tratam de obras que estão acabadas, portanto já não têm mais nada a acrescentar. A Clarice foi um dos nomes que me surgiu porque ela é uma das maiores escritoras de língua portuguesa e, apesar disso, não é conhecida em Portugal. Eu achei que era mais interessante fazer um trabalho sobre uma pessoa que não fosse uma mega star do que se vocês me tivessem proposto fazer um espectáculo sobre o Fernando Pessoa... eu diria logo que não. O que é que se vai acrescentar ao que já se disse sobre o Fernando Pessoa?... E à Clarice não, somos um pouco pioneiros, eu penso que este é o primeiro espectáculo que se faz em Portugal a partir de textos da Clarice, apesar de no Brasil se fazerem inúmeros espectáculos sobre a obra dela. Apetecia–me neste momento fazer uma coisa mais violenta e não fazer outra poetisa depois de ter trabalhado a Alfonsina Storni. Foi uma escolha que me satisfez, mas não teria sido a minha escolha.

Que outros pontos de intersecção, achas que há algum distanciamento entre ti e a Clarice?

Distanciamento ou proximidade?

Uma coisa e outra?

Proximidade existe em que tudo para mim fala do amor e da morte, não há outro assunto. Se ela não tivesse escrito A "Hora da Estrela" eu dizia–te que a visão da Clarice sobre o amor e a morte é tão feminina que às vezes me enerva sobremaneira porque fica ali numa poesia que me chateia, chateia–me como homem, eu acho aquilo maravilhoso mas não tem uma proximidade comigo porque eu sou bastante concreto naquilo que escrevo. Portanto o que eu acho que me sinto mais distanciado dela é pelo facto de eu ser um homem e ela ser uma mulher e isso numa escritora e num escritor onde a sexualidade é uma marca tão grande porque o amor e a morte falam de sexo sempre, isso inevitavelmente distancia–os em termos do objecto de escrita, mas não os distancia em termos de proximidade de relacionamento, não sei se me estou a fazer entender porque um homem e uma mulher também têm pontos de vista completamente diferentes e no entanto complementam–se portanto talvez a Clarice seja um bocadinho o que seria, se eu tivesse tempo para isso, a mulher que eu acharia que seria a certa para mim.

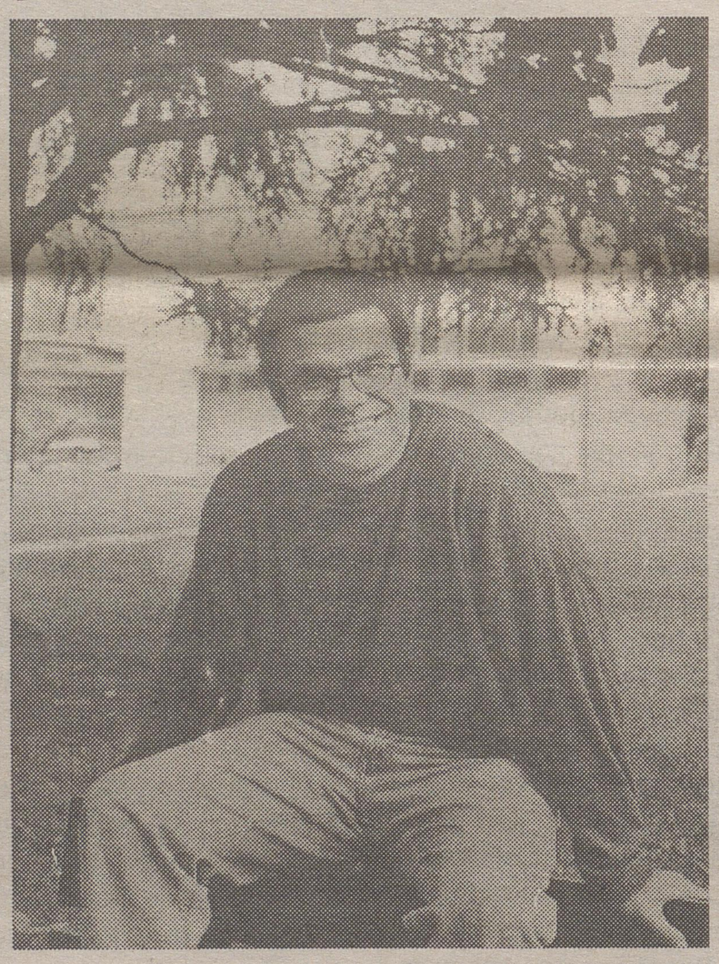
Ao longo do trabalho tenho notado que tens uma grande paixão pela cultura brasileira. Como é que surgiu essa paixão?

Dizia o Fernando Pessoa "minha pátria é minha língua" e de facto há alguma identidade luso–brasileira, e se calhar também com os países Africanos de língua oficial portuguesa, em que eu me reconheço.

Tiago, chegaste há duas semanas à cidade de Coimbra e lembro–me de tu dizeres que não era das tuas cidades preferidas. Então eu pergunto agora depois de ter passado duas semanas em tão boa companhia se já mudaste a tua opinião, se ainda continuas a achar isto aquele atraso de vida?

Primeiro eu nunca disse que Coimbra era um atraso de vida, eu disse só que Coimbra não é de facto uma das minhas cidades favoritas. Como eu já disse, há uma divisão da cidade entre até ali ao pátio da inquisição e do pátio da inquisição para baixo, que são duas cidades que não se misturam, e isso faz–me uma confusão imensa. O Teatro de Bolso não é bem Coimbra, e aqui dentro do Teatro de Bolso está–se muito bem. Mas se o Teatro de Bolso fosse em Lisboa, meus amigos, isto era um espectáculo!

Disseste que trabalhar com actores do Teatro Universitário é a mesma coisa que trabalhar com actores profisionais. Quais são as semelhanças e as diferenças que tu encontras entre trabalhar com actores profissionais e não profissionais - penso que é a primeira vez que trabalhas com o Teatro Universitário - como é que tu conduzes o processo de trabalho nos dois casos?



Quando disse que era igual trabalhar com actores profissionais e com actores do teatro universitário referia–me à minha motivação para trabalhar com. É claro que o processo é diferente, primeiro por causa da disponibilidade. A disponibilidade dos actores gera a disponibilidade do encenador e por isso a encenação de um espectáculo no TU é uma coisa de muito maior risco. Acho que o que nós estamos aqui a fazer pode mesmo não resultar, porque aqui, muito mais do que no teatro profissional, em que o objectivo é a estreia, o objectivo é o trabalho. E acho que essa é a grande diferença.

Achaste concreto naquilo que escreves, achas que este texto tal como o escreveste poderia ser lido e as intenções que lá puseste para um leitor que está sentado no seu sofá em casa, ou achas que ele só fica completo quando posto em cena?

Só fica completo quando posto em cena, como todos os textos de teatro. Só entendo o teatro lido como recordação de um espectáculo ou como material de estudo para pessoas dedicadas ao teatro. Porque uma peça só existe no teatro, esta ou qualquer outra. Lembro–me de ter dito isso quando vocês editaram a "Alfonsina". É que isto só faz sentido como recordação do espectáculo, portanto só faz sentido para quem viu o espectáculo, e que, portanto tem as imagens, de resto nem este nem nenhum espectáculo de teatro, nenhum texto de teatro faz, nem os Shakespeare todos fazem sentido se não tiverem uma linguagem cénica por detrás deles.

Quando chegas ao final de um trabalho sentes–te satisfeito ou achas que as fronteiras ainda estão erguidas e que há sempre um para além disso?

Acho que se quisesse sentir–me satisfeito não tinha vindo para o teatro. Nunca me senti satisfeito com nada do que fiz no teatro, nem na música, nem na escrita, acho sempre que podia..., não é que podia ter feito melhor, acho sempre é que não vale a pena. Acho que a escrita e o teatro principalmente, exigem uma disponibilidade das pessoas envolvidas que não há palmas, não hàboas críticas, não hà nada que faça valer a pena. Então se tu perguntares porque é que eu não saio disto, eu... não sei. Não vale a pena porque as pessoas vêm ver um espectáculo, e depois saem críticas, e as pessoas vêm ao pé de nós, batem–nos nas costas e dizem: "Ai que giro que era! Era mesmo giro!". E tu apetece–te dizer "Vão bardamerda, porque eu não fiz isto para ser giro". Preferia que me dissessem "Isto é uma merda", mas é alguma coisa. Como diz a Clarice nesta peça, "Prefiro uma forma torta que diga do que uma forma hábil que não diga"

Pegando nessa última frase que disseste, preferes um actor torto que diga alguma coisa, ou preferes um actor muito bom que às vezes até diz, mas que acaba por nunca ir além daquilo que tu queres e que tu achas que é a pouca disponibilidade que as pessoas que fazem teatro muitas vezes não têm?

Prefiro um actor torto, tortíssimo mas que esteja exactamente com vontade de dizer alguma coisa. Vejo às vezes performances maravilhosas no teatro e que são absolutamente vazias de sentido e vejo espectáculos óptimos, com muito trabalho, mas depois...o.k., dão umas cabriolas para a esquerda, e umas para a direita, e nem os próprios actores ou o encenador sabem porque é que são aquelas cabriolas, é só porque é giro andar para ali, para a direita e agora para a esquerda, e ninguém pensa no simbolismo das coisas e no que é que é a esquerda e no que é que é a direita, no que é que é o feminino e no que é que é o masculino, e no teatro não pode haver coisas gratuitas. É preferível ter os actores quietos do que ter a dar passos que não façam sentido. O que me interessa no teatro é só o trabalho de actor, teatro é o que o actor faz, não é o que o encenador faz. Pode haver teatro sem encenadores, pode haver teatro sem tudo, sem actores não pode haver. É a coisa principal do teatro. Portanto o que eu prefiro é um belíssimo actor com imensa disponibilidade.

Eu só queria perguntar, é apenas uma curiosidade, se tu descobriste alguma coisa nova na Clarice pelo trabalho que nós já desenvolvemos? Se houve alguma faceta, alguma imagem na Clarice que te tenha surgido pelo trabalho que já desenvolvemos?

É claro que sim. Eu tinha lido a Clarice, quando a li na adolescência, só como um leitor que lê e se apraz muito com uma escrita. Aqui, com as vossas questões e com as leituras que vocês tinham feito da Clarice, eu fui forçado a pensar como a Clarice estava metida dentro dos livros, coisa que eu nunca tinha pensado tanto. Se calhar, pensei mais fundo o que já tinha pensado antes, por força das circunstâncias.

Entrevista realizada pelo elenco do TEUC

Programação passo a passo

TAGV de novo em palco

As aulas já começaram, há caloiros nas ruas, encontramo-nos de novo nas longas filas das cantinas. Parece que tudo está de volta à normalidade. Assim sendo, em ambiente de reentré, nada melhor do que ficar a par do que se vai passar no Teatro Académico de Gil Vicente até ao fim do mês, para que a volta ao mesmo de sempre se torne um pouco menos enfadonha.

Quarta–feira dia 20, pelas 21h45, continuam os concertos de jazz integrados no Ciclo de Quartas, desta vez com Phil Markowitz ao piano, Bernardo Moreira no contrabaixo e André Sousa Machado na bateria.

Nos dias 21 e 22 é a vez da dança, com estreia nacional do espetáculo X–Ray pelas 21h45. Este é um projecto baseado numa ideia de dois coreógrafos/performers (Ludger Lamers e Isadelle Schad) relacionada com as tecnologias e os seus efeitos sobre o corpo humano, estando a música a cargo de Carlos Zíngaro.

No sábado 23 apresenta–se no Teatro Académico a Festuna, da Secção de Fado da AAC (ver página 8).

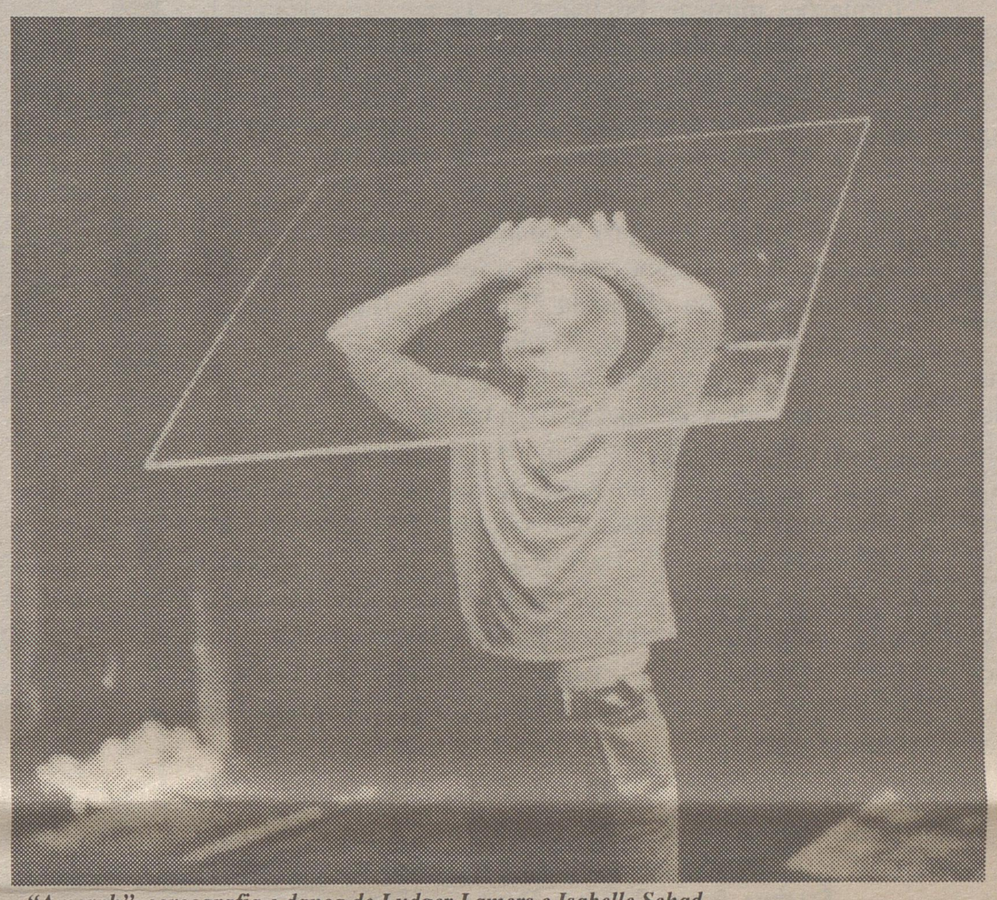
No dia 26 é exibido o filme "Verdes Anos" de Paulo Rocha, inserido ainda no Ciclo da Cinemateca Portuguesa. Trata–se de um documento precioso sobre a Lisboa do princípio dos anos 60, que tem ainda o mérito de ter revelado a sensibilidade de um compositor que é hoje reconhecido como o grande mestre da guitarra portuguesa, Carlos Paredes, que construiu para o filme um tema musical que ficaria célebre, e que já é considerado um dos grandes clássicos da música portuguesa.

O Ciclo de Quartas prossegue no dia 27, a partir das 21h45, com o Moreira´s Quinteto, composto por Pedro Moreira no saxofone, João Moreira no trompete, Bernardo Moreira no contrabaixo, Rodrigo Gonçalves no piano e Marcello di Leonardo na bateria.

Também pelas 21h45, a dança volta na Quinta–feira dia 28, com a peça "Amorph Erstarte Schmelze". Trata–se de um trabalho que tem por base a improvisação, durante o qual são utilizados vários objectos de vidro previamente seleccionados para exteriorizar conceitos como fragilidade, transparência e claridade, tudo isto combinado com sons característicos do meio ambiente.

No Sábado 30 vamos ter a Festa do Traje, da responsabilidade da Casa do Pessoal da Universidade de Coimbra.

No último dia do mês há ainda tempo para dois grandes filmes, ainda incluídos no Ciclo da Cinemateca: "Grau de Destruição", de François Truffaut às 18h00, e "O Intruso", o último filme de Luchino Visconti, baseado num romance Gabriele D`Annunzio, que foi estreado no Festival de Cannes de 1976, já depois da morte do realizador. Na altura, a reacção da crítica a este filme foi de puro desapontamento, uma vez que ele representa um corte inesperado na linha confessional e autobiográfica que vinha caracterizando o trabalho de Visconti. No extremo oposto, há quem defenda que se trata de uma das mais cuidadosas obras do cineasta. Quem quiser dissipar as dúvidas pode faze–lo no dia 31 de Outubro, às 21h45.



"Amorph", coreografia e dança de Ludger Lamers e Isabelle Schad

Oficina de Música Improvisada:
Workshop levado a cabo pela
ArtEphémera, em que os alunos irão
musicar um dos filmes dos
IV Encontros de Cinema - "Aurora"
16 a 25 de Outubro
Exibição a 25 de Outubro às 21h30

Até 22 de Outubro encontra–se, no Café Teatro, a exposição de fotografia "25 Anos, 25 Nomes", que comemora os 25 anos do jornal "Expresso". Uma óptima oportunidade para apreciar várias figuras de destaque do panorama nacional em poses muitas vezes surpreendentes.

Como actividade predominante da programação deste mês destacamos a Oficina de Música Improvisada, que decorre desde 16 de Outubro e prolongar–se-á até dia 25 do mesmo mês. Trata–se de um workshop levado a cabo pela Art-Ephémera, estando a coordenação musical a cargo de Albercht Loops, guitarrista que tem estado ligado à música para o teatro, colaborando em peças levadas a cabo em vários locais, entre eles o CITAC, o TEUC, o Auditório Nacional Carlos Alberto e o Teatro Nacional de São João, no Porto, tendo colaborado recentemente com um tema para uma peça do encenador Paulo Castro. No fim do breve curso, os alunos irão musicar um dos filmes dos IV Encontros de Cinema, "Aurora". Este filme, realizado por Friedrich - Wilhem Murnau em 1927, ganhou o Óscar para a "melhor produção de qualidade artística" no primeiro ano de atribuição do mais prestigiado dos prémios do cinema. Esta película marca uma nova fase na obra do realizador alemão, uma vez que foi o seu primeiro trabalho realizado nos Estados Unidos, num ambiente de total liberdade, que contrastava com a rigidez a que esteve submetido durante a sua permanência na Alemanha. Há até quem diga que este filme marca uma viragem na obra de Murnau: é o início do "período americano". É exibido no dia 25, às 21h30.

Até ao fim do mês é assim que vai ser. Encontramo–nos lá.

Cecília Santos

A GRANDE COMÉDIA HUMANA

Jacques e o amo de Jacques. Amores e desenganos. Traição e vingança. Sexo e sexo. A Humanidade vertida nas estórias de dois personagens, que juntos caminham em frente. E "Para a frente é em qualquer direcção."

O cenário é oco. Não é mais do que o espaço onde tudo toma forma, onde as personagens respiram e vivem. Para que o público acredite que vê tudo o que se diz estar lá e não está. E, todavia, não há nada de vazio naquele palco saturado de pequenas histórias que se entrecortam e completam, despidas de qualquer lógica moral.

Os primeiros risos do público são somente um esgar; um halo de constrangimento sufoca as gargalhadas da sala. Afinal, será que é permitido rir assim no Teatro? Mas a história é humana, e como tal ridícula. Cómico–trágica. Há humor na traição e na vingança, há humor nas dúvidas existenciais e no fatalismo humano. É preciso rir para sobreviver a estas histórias que se repetem: a vida é sempre a mesma, as pessoa slimitam–se a vestir um dos papéis. Jacques é o criado que podia ser o amo, o vilão, a puta. O amo é o nobre com alma de plebeu, que em vão tenta esconder os seus desejos e perversões em nome de um ideal quixotesco.

Jacques e o seu amo. Sancho Pança e D. Quixote.Mas aqui sem qualquer superioridade hierárquica ou intelectual. O amo dá as ordens, mas Jacques é que escolhe aquelas a que vai obedecer.

Jacques e o seu amo. Sancho Pança e D.Quixote. Mas quais os moinhos deste fidalgo diletante, que parece viajar sem destino, só porque assim "está escrito"? Que procura ele, nas suas leituras desatentas, nas suas divagações interrompidas? A viagem encerra um exorcismo de memórias românticas, que só serão plenas de sentido quando contadas e confrontadas, por só aí darem corpo à Grande Comédia Universal .

"Mas, porquê ler a descrição de uma noite, quando se pode vivê–la?"

Carina Dantas & Andreia Abreu

Nota aos actores: Se o texto é excelente, os actores são brilhantes. Não obstante todo o elenco estar irrepreensível, os desempenhos de António Jorge e Mário Montenegro (Jacques e o amo, respectivamente) ofuscam os demais.



"Jacques e o seu amo"

Uma variação de Milan Kundera, sobre "Jacques, o Fatalista", de Diderot.

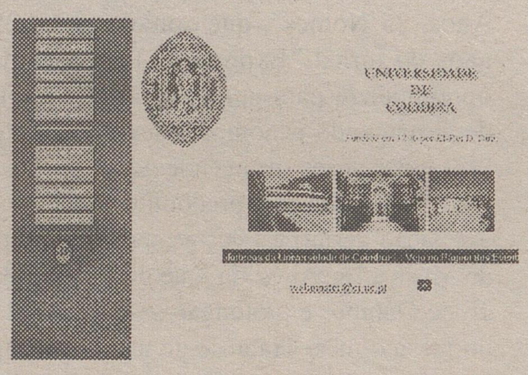
Quarta a Sábado, às 21h30
Até 6 de Novembro
Reservas pelo 039-827261

artes

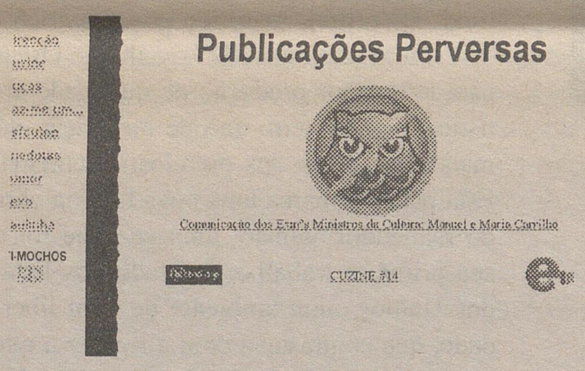
LIGUE-SE

Cybercabra

Depois de uma época de Setembro mais ou menos atribulada mais um ano lectivo começa para todos nós, entre a azáfama das matrículas e a procura de alojamento nem sempre sobra tempo para estar na navegar na Net ou para preparar o próximo encontro no IRC, mas agora que as aulas já começaram e tudo está mais calmo já se pode perder alguns momentos à frente do computador. Para quem ainda não sabe, a página da nossa Universidade é www.uc.pt , aqui podem encontrar informações sobre todas as faculdades, serviços e instituições da Universidade de Coimbra. Neste endereço encontram também links para as páginas de cada faculdade, onde podem encontrar (dependendo da faculdade ou departamento) os horários, os e–mails dos pro-



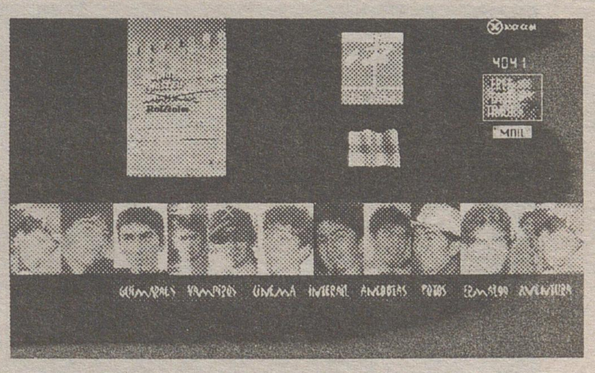
fessores, e–mails dos alunos, as matérias que serão leccionadas durante o ano, as bibliografias aconselhadas e - se tiverem sorte - frequências ou exames de anos anteriores. Passamos agora a assuntos menos sérios, e como faremos isto? Com a "Cuzine" http://members.xoom.com/cuzine esta fanzine aborda os mais diversificados assuntos como a música, cinema, livros, sociedade, televisão, ecologia, política, banda desenhada, entre muitas outros. Mas, a particularidade desta fanzine é que toda ela é humor, humor



do puro e do duro como nós todos tanto gostamos, e ainda tem as crónicas do nosso mundo Vip que a Caras, a Gente e a Maria, nunca tiveram coragem de publicar, tais como: Enrique Iglesias Ainda Mija na Cama; Miguel Ângelo e Cicciolina; Bill Clinton ou o caso Varagate

Estes e muitos outros assuntos de interesse mundial todos explicados na "Cuzine".

Passo agora a páginas pessoais, uma coisa geralmente considerada sem interesse pela maioria da pessoas, mas esta está realmente interessante, a "Ruizinho Homepage" http://mem-



bers.xoom.com/ruizinho esta página tem uma parte com anedotas, vampiros, "Em coreano, e para todos!!", cinema e muitas outras coisas... mas aqui o que interessa é "a página oficial do verdadeiro" Ruizinho, este indivíduo intitula–se, o Presidente de todos os taxistas, arrumadores, proxenetas e habitantes da noite! Uma página deveras hilariante que merece ser vista por todos os que não dispensam uma boa gargalhada.

Rui Alves

OUVE-SE

Gomez - "Liquid Skin" (Hut recordings, 1999)

Os britânicos que vagueiam entre a California e Las Vegas

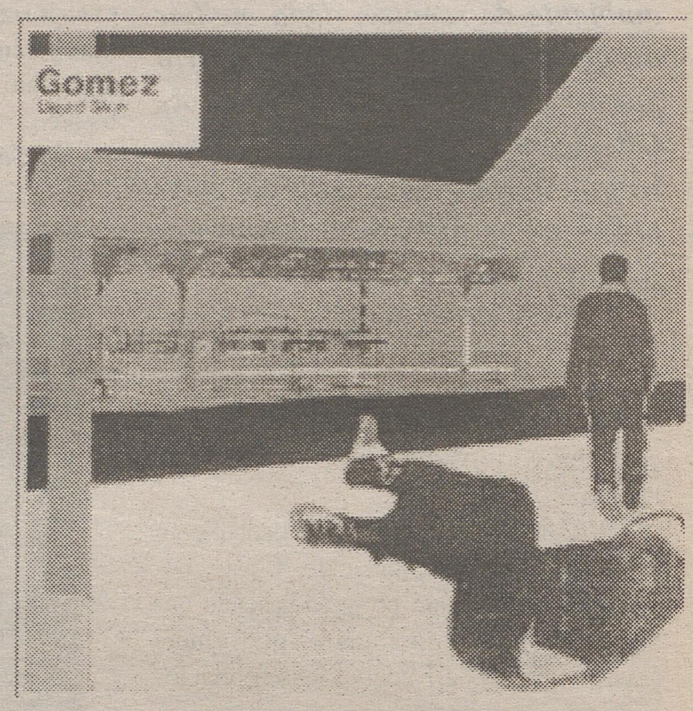
Com um embrião que floresceu em Southport, os Gomez assumiram a forma de banda quando Ian Ball foi estudar para fora da terra natal e conheceu Ben, que com a sua voz tão forte como carismática deu a uma banda nova da Grã–Bertanha o que ela precisava para assumir uma posição de destaque no panorama internacional.

Considerada por muitos como a mais americana das formações musicais britânicas, os Gomez arrecadaram no passado ano o prestigiante Mercury Music Award e ouviram John Lee Hooker confessar em público que tinha ouvido o disco de estreia destes "miúdos" vezes sem conta e nunca lhe conseguiu encontrar o mínimo defeito.

Neste segundo volume de canções o rock assimila as influências folk, pop, jazz e country, e o som que podia ser tipicamente americano assume o formato de canção mais característico da chamada "Brit–pop" (apesar das excepções de "Bring It On" e "California").

Ao longo da primeira audição pode mesmo parecer que a espontaneidade desapareceu e a banda coqueluche da imprensa britânica se acomodou, mas a ideia é facilmente dissuadida ao longo de uma atenção redobrada para todos os detalhes que se vão descobrindo a pouco e pouco. Da deslumbrante balada "We Haven't Turned Arround" explosão de "Fill my Cup", o sabor jazzístico de "Blue Moon Rising" entrecruza–se com o pop épico de "Rhythm & Blues Alibi" e "Liquid Skin" assume–se como um dos melhores compêndios de grandes canções que nos têm surgido nos últimos tempos.

Hugo Ferreira



Ruby Ann & The Boppin'Boozers
"Boppin'like a Chicken" (Lux Records, 1999)

Os loucos anos do pós-guerra...

Imaginem–se nos Estados Unidos em meados dos anos 60; o rock'n' roll é rei e senhor, cabelos puxados para tràs com gel e brilhantina, o carro do pai emprestado por uma noite para facilitar a nova conquista ...

Este "Boppin'like a Chicken" bem podia ser um vinil encontrado no baú das boas recordações do papá enquanto teenager, mas é um disco da editora coimbrã Lux Records, gravado e lançado neste ano de 1999 por uma banda de Coimbra que já começa a ter um circuito bem certo por bares e casas de espectáculos por essa Europa fora.

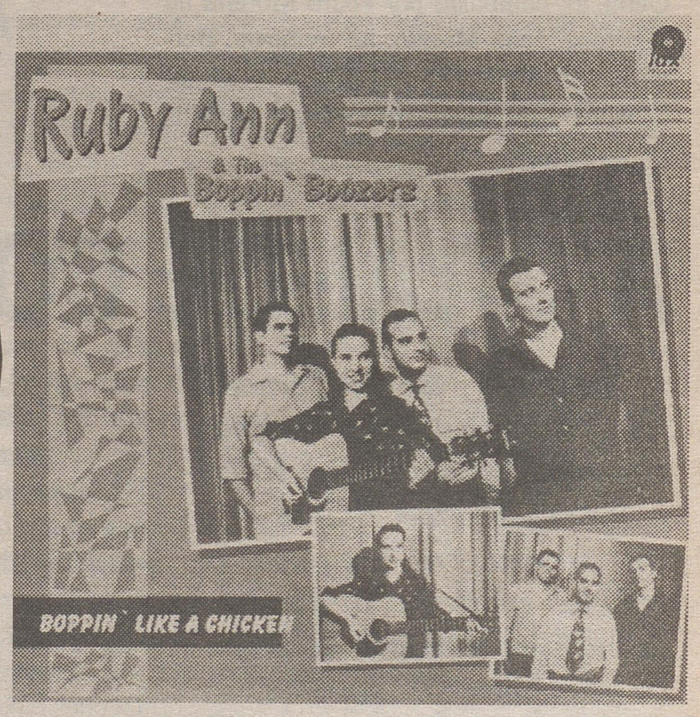
Ruby Ann canta e marca o ritmo com as seis cordas da sua viola. Os Boppin' Boozers são três e encarregam–se respectivamente da guitarra, contrabaixo e bateria. O disco vale pelo revivalismo que consegue erguer (praticamente na perfeição) e vai mesmo ser lançado na opção de disco em vinil .

Não há aqui inovação musical ou experimentalismos de qualquer ordem, existe antes uma surpreendente perícia digna de uma banda bem madura e profissional que, apesar de ter surgido à bem pouco tempo, mostra bem o que quer ser e com que notas se orienta.

No punhado de 13 canções (entre as quais 5 versões de temas clássicos desta corrente música), destacam–se "Starlight, Starlight", "Come Back Baby" e o tema que dá nome ao disco, "Boppin'like a Chicken".

Uma estreia discográfica de uma boa banda de Coimbra é sempre um motivo de congratulação, neste caso a simplicidade e o despretenciosismo contribuem de sobremaneira para um trabalho que, não sendo totalmente original, surpreende pela magnífica voz e pelo rigor e perícia dos músicos que actuaram no palco secundário da última edição da Queima das Fitas.

HF



feitas

VIU-SE



A Carta

De: Manoel de Oliveira

A principal proeza de Manoel de Oliveira foi a bem sucedida adaptação (ou recriação) dos aspectos e valores característicos de uma época tão remota para os truculentos dias de hoje. Efectivamente, este realizador conta uma história aparentemente anacrónica de um modo diferente e com um ritmo invulgar chegando mesmo a recorrer ao "mudo" através dos textos em fundo negro que introduziu ao longo do filme. Sem princesas nem duques, ficaram as meninas da classe alta e os cantores pop. Aliás, a grande surpresa do filme chama–se Pedro Abrunhosa, o Príncipe Nemours da actualidade. O mesmo cantor de óculos que colecciona loucuras e faz de apaixonado desesperado ao mesmo tempo que triunfa em digressões pelo mundo. Marketing? Talvez. Para ele que vê as suas músicas divulgadas para a posterioridade e para Oliveira que, assim, atrai, com certeza, novos públicos e prova que a sua escolha foi, de facto, surpreendente mas que constituiu uma aposta ganha.

Inspirado no romance do século XVII "A Princesa de Clèves", de Madame de LaFayette, este filme narra o percurso de uma jovem da alta sociedade parisiense educada sob um padrão bastante rígido e que vai caminhando para uma vida vazia e de profundo sofrimento interior. Após rejeitar um antigo namorado e casar com um homem que apenas estima a Senhora de Clèves apaixona–se por uma vedeta - uma paixão (quase) de perdição... Contudo, vê–se obrigada a renunciar aos seus sentimentos em nome do respeito pelo marido e da sua própria dignidade e reputação. O casamento, a morte da mãe, a confissão ao marido e consequente perda deste e longa viagem a África constituem, desde logo, actos de sacrifício que culminam na carta que marca o desfecho da história que termina ao som da música "Será", de Pedro Abrunhosa que parece ter sido escrita para a situação.

Apesar de ausente na foto do cartaz do filme, Leonor Silveira marca inevitavelmente presença no elenco onde ainda encontrámos Luís Miguel Cintra, Antoine Chappey e Maria João Pires (também no seu papel e em pleno contraste com Abrunhosa). A figura da freira, uma amiga e conselheira de infância criada por Oliveira, e que símbolo da escolha voluntária do abandono ao mundo, é um dos factores que enriquece o filme evidenciando de novo o incontestável talento de Leonor Silveira, para além de assinalar alguns dos diálogos mais belos de "A Carta".

Depois dos pais Marcello Mastroianni ("Viagem ao Princípio do Mundo") e Catherine Deneuve ("O Convento"), Chiara Mastroianni estreou–se com o realizador português interpretando a Senhora de Clèves, uma mulher que vive uma autêntica coita de amor em pleno século XX. Conseguiu encantar num papel extremamente difícil pois o comportamento e mentalidade da sua personagem, a constante fuga à vida e às emoções denuncia um anacronismo flagrante.

Deste modo e apesar de alguns problemas na transposição (nomeadamente temporal), próprios de qualquer adaptação literária, "A Carta" não deixa de ser um documento único de originalidade, um filme a não perder por variados motivos, de entre os quais merecem destaque as fabulosas prestações dos actores (e não só), o Grande Prémio do Júri em Cannes e a ousadia de Manoel de Oliveira que, aos noventa anos, continua a caracterizar–se pelo seu estilo único e a deixar marcas no espectador através de seu olhar através da câmara.

João Vaz Silva

VÊ-SE

Star Wars: A Ameaça Fantasma

De George Lucas
Eua, cor/1999

O filme mais esperado de sempre, pelo menos para os fãs incondicionais e não só de George Lucas. Com efeito 22 anos depois do episódio IV (Guerra das Estrelas) e 16 anos depois do episódio VI (Regresso de Jedi), George Lucas conseguiu finalmente filmar a trilogia inicial que, nesta primeira parte nos leva anos antes às aventuras de Luke Skywalker e Han Solo. Este episódio revela–nos a adolescência de Anakin Skywalker, (mais tarde Darth Vader) e o seu primeiro contacto com a Força que acompanha os cavaleiros Jedi. Incumbido de uma missão pelo Chanceler da República, Qui Gon Jinng, um mestre Jedi (na altura um dos sustentáculos da República), acompanhado por Obi–Wan Kenobi, é enviado ao planeta Naboo de modo a evitar um confronto que ponha em causa a unidade da República, que já começa a dar sinais de decadência e de necessidade de regeneração. Mas os acontecimentos em Naboo são apenas a parte visível de um obscuro plano para mudar o "status quo" da República orquestrado por alguém dominado pelo lado negro da Força. É assim que se começa a delinear a história, através da explicação do aparecimento das primeiras sombras do Império e dessa personagem memorável que dá pelo nome de Darth Vader, figura a todos os títulos central nos episódios IV a VI. E a "Ameaça Fantasma" não passa disso, de um preâmbulo visualmente superior e mais nada. Desde personagens sem carisma (algumas nem credíveis são), a uma história muito acelerada e pobre (digna de guião de um filme de artes marciais), o que parece importar para Lucas é apenas explicar algumas das coisas que acontecem nos primeiros filmes realizados, não se preocupando muito com a leveza que este tem. Irrepreensível é como já seria de esperar, a parte técnica, absolutamente fenomenal e eficaz, desde a construção de cidades à batalha, sem esquecer a própria criação de personagens computadorizadas. Mas não se tome a árvore pela floresta, porque nem isso chega para evitar a sensação que este filme fica abaixo das expectativas que gerou. Duas horas de entretenimento garantido e nada mais, o que é pena porque a galeria de actores prometia melhor, mas as concessões ao espectáculo visual parecem retirar espaço à construção dos personagens... um Obi–Wan bastante inexpressivo, bem como um Qui Jon algo indefinido, para não falar numa estranha Amidala/Padmi ou num Anakim forçado (talvez até demais para a sua tenra idade) e isto para não falar muito em Jar Jar Binks (o primeiro "comic relief" inteiramente criado por computador), não tão mau como o pintavam, mas ainda assim exagerado. Para um membro de uma geração educada com filmes de aventuras com a qualidade de trilogias como "Indiana Jones" ou a "Guerra das Estrelas", sem sombra de dúvida que esta "Ameaça Fantasma" surge como uma desilusão, mas também é preciso não esquecer que nestes primeiros episódios há um caminho já definido que tem de desembocar coerentemente nos restantes episódios que já conhecemos. Esperemos agora que George Lucas corrija o tiro e nos apresente os episódios II e III com a credibilidade que todos demos a uma história que se passou há muito tempo, numa galáxia distante...

João Melo Alvim

Esta é a minha última crítica ao serviço d´"A Cabra". Não ficamos em Coimbra para sempre, mas Coimbra fica a viver em nós para sempre. Foram dois anos em cheio que recordarei como dos melhores da minha vida (principalmente estes últimos seis meses) e muito graças também à Secção de Jornalismo, uma das melhores secções desta minha 2ª casa que é (ou foi) a AAC. Boa noite Coimbra, foram um público fantástico...

Exposição de Alepuz



Na linha de apresentação de trabalhos de qualidade a que Galeria de Santa Clara já nos habituou, o artista que se segue é IGNÁCIO ALEPUZ que irá estar presente na inauguração dos seus mais recentes trabalhos no dia 16, Sábado, entre as 18 e as 20 horas.

Alepuz é conhecido no nosso país pelo seu trabalho como consultor de imagem corporativa de empresas como o BCP, os CTT e a Valentim de Carvalho. Em Coimbra, mostra a sua obra em todo o seu esplendor artístico, produto de um longo percurso de alquimia, em torno de diversas linguagens artísticas. A regularidade com que expõe em Madrid e em Gijón deve–se à intima relação que mantém com estas duas localidades, realizando também mostras em galerias e Instituições de Barcelona, La Coruña e Valencia.

"Instantes"



O Bar Quebra Costas serve de palco a uma exposição de fotografia da autoria de Rui Canelas. A mostra composta por dez imagens, impressas em papel fotográfico perolado, guia o nosso imaginário por cenários tão diversos como o metro parisiense ou Muro das Lamentações. "INSTANTES", é assim, o primeiro contacto deste autor com o público, que poderá ser apreciado por todos de 5 de Outubro até 4 de Novembro. Desta forma, quem apreciar uma calma cerveja e gostar de fotografia sairá certamente satisfeito com os"INSTANTES" passados num ambiente descontraido.

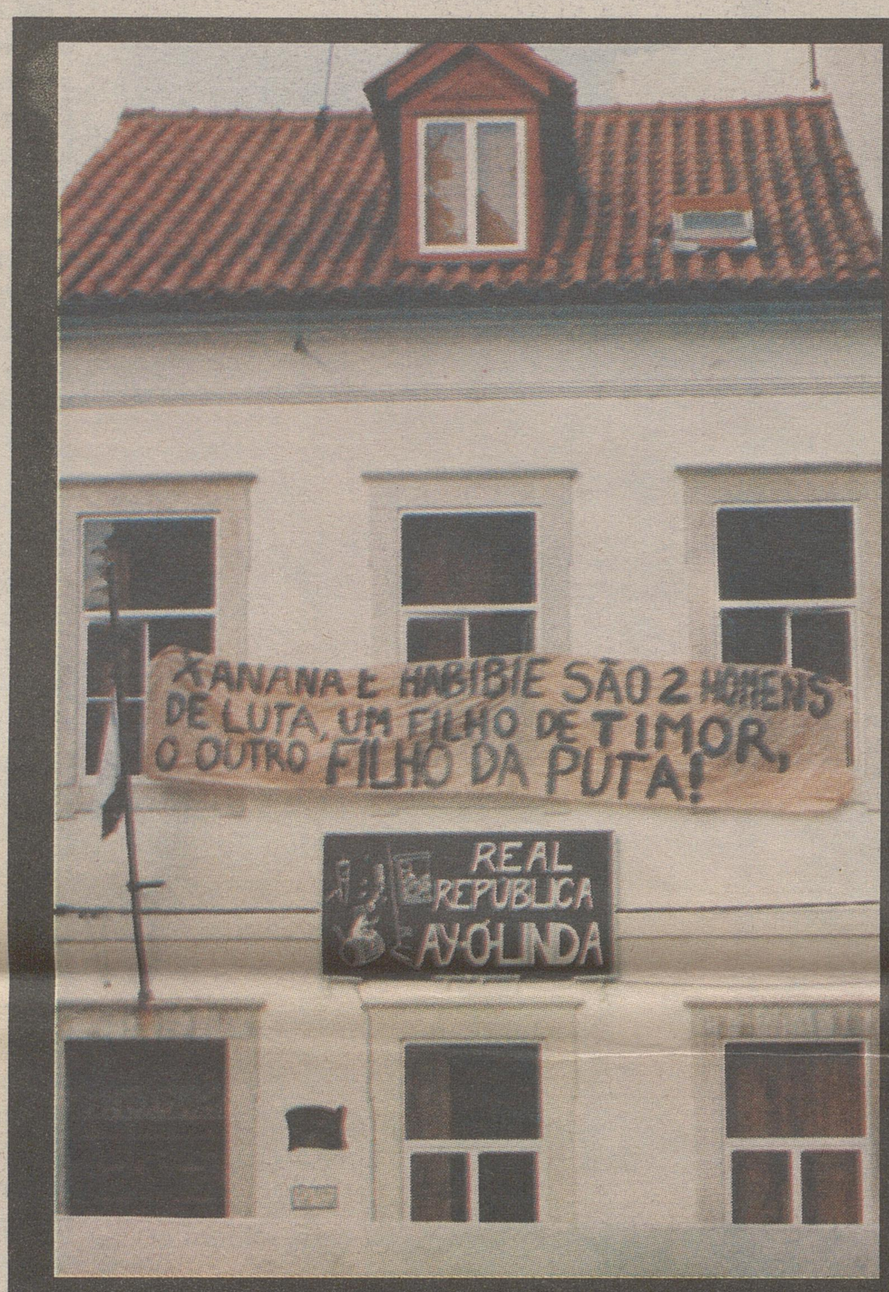
Atelier de Iniciação à Fotografia

Irá realizar–se um atelier de fotografia destinado a qualquer pessoa que pretenda aprender ou aperfeiçoar os conhecimentos básicos e práticos da fotografia a preto e branco. Este atelier abordará, por exemplo, as técnicas de utilização e manipulação da máquina fotográfica, uma introdução à História da Fotografia, técnicas alternativas da fotografia, culminando na apresentação de uma exposição na "Contraste" elaborada pelos alunos. O curso terá uma duração máxima de seis semanas, com uma carga horária semanal de quatro horas e meia reajustada às necessidades de cada grupo, com base num horário flexivel. Incluido no preço encontra–se algum material individual e o restante é fornecido, para a utilização pelos alunos, pelo próprio Atelier.

Para mais informações o 0933-3452145 está disponível vinte e quatro horas por dia ou se preferires dirige–te ao nº10- 1º andar em frente ao café Tosta, no cimo da Ladeira do Seminário.

Naufrágios

A escrita e a leitura são actividades culturais que merecem a sua promoção e divulgação. Nesse sentido a SESLA - Secção de Escrita e Leitura da Associação Académica de Coimbra - leva a cabo o concurso literário "Naufrágios" com o intuito de promover a criatividade no campo da poesia, crónica e conto, incentivando assim, o aparecimento de novos autores. Neste concurso, que tem por fim a publicação de uma Antologia, poderão participar todos os estudantes da Universidade de Coimbra (sócios ou não da SESLA) e de outras Universidades convidadas por esta secção da AAC. Cada participante poderá apresentar a concurso apenas um trabalho, que deverá ser original, manter–se inédito até ao dia da decisão final do júri (primeira semana de Novembro de 1999) e entregues de 1 a 20 de Outubro, sendo a sua forma livre. A SESLA seleccionará o número de trabalhos a publicar, de acordo com a avaliação do júri constituído por cinco elementos convidados por si, de maneira a divulgar os melhores trabalhos dos participantes, orientando as suas escolhas mediante a originalidade literária do texto. Em princípio, a Antologia será apresentada em sessão pública, durante o mês de Dezembro.



Muito se viu, muito se disse, muito se pensou nos últimos dois meses sobre a situação do, agora, povo de Timor Lorosae. Pelo que, não serão estas que irão acrescentar algo ou modificar aquilo que cada um terá dentro de si sobre esta questão, nem tão pouco despertar consciências já que estas ou já há muito estão despertas ou então permanecerão adormecidas para sempre. Pretendemos sim, e sem qualquer tipo de presunção, manter a chama viva, aquela chama que permitiu um povo resistir a tudo o que sofreu. E não foi pouco. Porque o povo de Timor necessita que não nos esqueçamos, que não nos acomodemos àquilo que alguns possam julgar adquirido. É necessário continuar uma luta que lá longe ainda está no início.

Jornalismo Universitário

Hoje (terça–feira), a partir das 18.30, "A Cabra" promove no Foyer do Teatro Académico de Gil Vicente um debate sobre "O Jornalismo Universitário".

Pretende–se abordar as especificidades deste tipo de jornalismo, incluindo as suas limitações e vantagens, por comparação com o jornalismo profissional.

A iniciativa insere–se no lançamento do número 51 do Jornal Universitário de Coimbra (este mesmo, sim senhor!), o primeiro do ano lectivo que agora se inicia. Na mesa, para debater "O Jornalismo Universitário", contamos com as presenças de João Mesquita (jornalista), Rosário Salvado e Rui Caniço (da Rádio Universidade de Coimbra) e Bruno Ferreira (do Jornal "A Cabra"), moderados por Fernando Nunes.

Ensino Superior em livro

A discussão dos problemas do Ensino Superior foi agora compilada em livro pelas Associações de Estudantes. Segundo passo após a realização da Conferência do Ensino Superior, em Coimbra, em Maio deste ano, o livro reúne todas as intervenções realizadas durante o evento.

Fruto de mais uma coloboração das Académicas com a FENPROF e a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, o documento contém, entre outras, intervenções do Secretário de Estado do Ensino Superior, de Hugo Capote, presidente da DG/AAC e Rui Godinho, presidente da AAL. A abrir, um manifesto assinado pelos estudantes do Ensino Superior onde se pode ler as intenções do governo socialista na campanha para as eleições de 95 e análise dos actos praticados durante a legislatura. Não falta também a declaração do Presidente da República, Jorge Sampaio, à conferência.

Para quem não pôde estar na Conferência e estiver interessado a DG/AAC distribui os livros gratuitamente nas suas instalações. na Conferência e estiver interessado a DG/AAC distribui os livros gratuitamente nas suas instalações.

Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Lat
ada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latad
a'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'9
9Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99L
atLatada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99La
tada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'9
9Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99L
atada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Lata
da'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latada'99Latad

Festa das Latas e Imposição de Insígnias'99